

Soc. 28

2003



Universidade Eduardo Mondlane
Unidade de Formação e Investigação em Ciências Sociais
(UFICS)

**A REALIDADE (SOCIAL) DAS MINAS TERRESTRES NO POSTO
ADMINISTRATIVO DE CATUANE (DISTRITO DE MATUTUÍNE)**



Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura em Sociologia da Universidade Eduardo Mondlane

Autor: Gonçalves Patrício
Supervisor: Prof. Dr. João Paulo Borges Coelho

Maputo, Outubro de 2003



Declaração

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada na sua essência para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui fruto do sacrifício e desempenho por mim realizados, estando indicados no texto e na bibliografia as fontes utilizadas.

João Paulo Colli
28 OUT 03

U.E.M. - UFIC8
R. E. 4920
DATA 26/10/03
ADQUIÇÃO Oferta
DATA SOC-28

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha terrena trindade: meu filho Giap – pedaço de mim renovado, minha esposa, e meus pais.

Agradecimentos

Por detrás deste trabalho, vários actores contribuíram de diversas maneiras, para que ele tivesse a consistência que ora apresenta. Assim, queria expressar os meus agradecimentos ao Prof. Dr. João Paulo Borges Coelho, pelas suas sugestões, motivação e acompanhamento demonstrado ao longo de todo o processo da presente pesquisa.

Ao Departamento de História da Faculdade de Letras/SAREC, o meu obrigado, pelo apoio prestado no trabalho de campo.

Ao Instituto Nacional de Desminagem (IND), o meu apreço e reconhecimento aos seus funcionários, em especial aos da Unidade de Documentação e Informação, assim como aos da Base de dados e Operações, por me terem disponibilizado material sobre minas e desminagem.

Ao PAD (Programa Acelerado de Desminagem), a minha gratidão na pessoa do Sr. Chongo, que providenciou material sobre minas, transporte e mais uma tenda no acampamento do pelotão de desminagem (TS1- Tango Sierra One), em Catuane. Meu reconhecimento como não deixaria de ser, é também extensivo ao Pelotão TS1, ao seu comandante Afonso Simbine, que vezes sem conta serviu de intérprete, e deu-me *dicas* de como movimentar-me nos povoados de Catuane.

À Administração do Posto de Catuane, a minha gratidão, pelo empenho que demonstraram em ajudar-me, apesar das limitações materiais existentes.

Os meus agradecimentos vão também, à todos aqueles que directa ou indirectamente, de alguma maneira, contribuíram com ideias, sugestões, para que este trabalho se tornasse uma realidade.

E, finalmente, uma mulher, à Nádia. Não necessariamente porque por detrás de um homem deve constar uma mulher, mas, merecidamente, pelas suas ideias e sugestões perspicazes, ao discutirmos entre sorvos de chá de leite indiano, o problema das minas nas comunidades afectadas.

Acrónimos

ACNUR	Alto Comissário das Nações Unidas para o Desenvolvimento
AGP	Acordo Geral de Paz
AHM	Arquivo Histórico de Moçambique
CICV	Comité Internacional da Cruz Vermelha
CIDC	Canadian International Demining Corporation
CMCM	Campanha Moçambicana Contra Minas
DINAGECA	Direcção Nacional de Geografia e Cadastro
EP1	Escola Primária do primeiro Grau
EP2	Escola Primária do segundo Grau
FPLM	Forças Populares de Libertação de Moçambique
FRELIMO	Frente de Libertação de Moçambique
HI	Handicap Internacional
IND	Instituto Nacional de Desminagem
LOIS	Level One Impact Survey
MLIS	Mozambique Landmine Impact Survey
ONG'S	Organizações Não Governamentais
PAD	Programa Acelerado de Desminagem
PEPAM	Programa de Educação para a Prevenção de Acidentes causados por Minas
PDDM	Plano Distrital de Desenvolvimento de Matutuine
PNUD	Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento
RDPAC	Relatório de Desempenho do Posto Administrativo de Catuane
RENAMO	Resistência Nacional Moçambicana
UNHOAC	United Nations Humanitarian Operations Assistance Committee
UXO'S	Unexploded Ordnances

Sinopse

O problema das minas terrestres, ainda constitui um flagelo no mundo actual, e em particular na África Austral, onde Moçambique está localizado. As diferentes guerras travadas em Moçambique – sobretudo a guerra civil na década de 80 – ditaram a proliferação de minas terrestres, constituindo hoje, uma realidade presente em muitas comunidades de todas as províncias do país. O Distrito de Matutuine, onde se situa a localidade de Catuane - o foco central do nosso estudo - é o que apresenta maiores problemas de minas em termos de áreas suspeitas ou minadas, bem como o número de vítimas, o que sustentou como razão da escolha do local da nossa pesquisa. A partir desta realidade objectiva das minas no posto Administrativo de Catuane, procuramos analisar e compreender como estas comunidades convivem com o problema constrangedor das minas no seu quotidiano, como pensam e interpretam esse problema (representações sociais), e, como a partir daí desenvolvem como actores sociais, acções concretas que se traduzem em estratégias para fazer face ao problema.

Este trabalho, está dividido em três partes principais: Na primeira parte, abordamos a génese e a situação actual das minas em Moçambique, onde fazemos uma breve incursão sobre o seu surgimento, o contexto da sua utilização e proliferação, bem como o quadro da situação das minas em Matutuine e o Posto Administrativo de Catuane. É também aqui, que apresentamos de forma sucinta o local da nossa pesquisa (Catuane).

A segunda parte, corresponde o enquadramento teórico assente em três conceitos: a realidade social, as comunidades, e as representações sociais, assim como levantamos o nosso problema e definimos a nossa pergunta de partida, os objectivos e as hipóteses. Esta parte incorpora também à metodologia da pesquisa, onde apresentamos aquilo que constituiu o modelo de análise, que serviu para a construção do guião de entrevistas livres e semi-estruturadas. Tendo em conta que este é um estudo de caso, delimitamos o campo de análise, às comunidades da localidade de Catuane, quer sejam aquelas que convivem, ou tenham convivido (e foram removidas) com o problema das minas. Igualmente, mostramos a operacionalização das várias fases da pesquisa e dos procedimentos da recolha e tratamento dos dados.

Na terceira parte, apresentamos os resultados da nossa pesquisa. Mostramos as diferentes representações sociais, construídas pelos actores sociais em volta das minas terrestres, os efeitos periféricos para as comunidades, a questão das campanhas de sensibilização e como estas traçam e desenvolvem estratégias para contornar o problema das minas nas suas actividades quotidianas.

ÍNDICE

	Pág.
Declaração.....	I
Dedicatória.....	II
Agradecimentos.....	III
Acrónimos.....	IV
Sinopse.....	V
1.0 INTRODUÇÃO	
1.1 A Origem das Minas.....	1
1.2 O Emprego das Minas em Moçambique.....	4
1.3 A Situação Actual das Minas.....	6
1.4 Breve apresentação do Local da Pesquisa.	
1.4.1 <i>O Distrito de Matutuine</i>	10
1.4.2 <i>O Posto Administrativo de Catuane</i>	12
1.4.3 <i>Aspectos Sócio- culturais</i>	13
1.4.4 <i>Actividades de Sustento e de Rendimento</i>	13
1.4.5 <i>A Rede escolar, Sanitária, Comercial e Rodoviária</i>	14
1.4.6 <i>O Conflito de Terras</i>	15
2.0 A PESQUISA	
2.1 Enquadramento Teórico.....	16
2.1.1 <i>A Realidade Social</i>	16
2.2.2 <i>As Comunidades</i>	18
2.3.3 <i>As Representações Sociais</i>	21
2.2 O Problema.....	23
2.3 Objectivos.....	27
2.4 Hipóteses.....	28

2.5 Metodologia de Pesquisa.....	28
2.5.1 O Modelo de Análise.....	28
2.5.2 Delimitação do Campo de Análise.....	28
2.5.3 Fases da Pesquisa e os Procedimentos de Recolha e Tratamento de Dados.....	29
3.0 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	
3.1 Sobre a existência de Minas em Catuane.....	30
3.2 As Campanhas de Educação e Sensibilização.....	31
3.3 As Representações sobre as Minas.....	32
3.4 Das Representações à Realidade: A Influência das Minas nas comunidades.....	34
3.5 Estratégias das Comunidades face ao problema das Minas.....	36
4.0 FONTES	
4.1 Bibliografia.....	38
4.2 Entrevistas.....	41
5.0 ANEXOS	
5.1 Guião das Entrevistas Semi-estruturadas.....	i
5.2 Mapa de Nível de Impacto das Minas.....	iii
5.3 Mapa de Localização das Actuais Operações de Desminagem.....	iv
5.4 Mapa de tendência de Impacto.....	v
5.5 Mapa da Situação das Minas no Mundo.....	vi

1.0 INTRODUÇÃO

1.1 A Origem das Minas

Etimologicamente a palavra *mina*, segundo Mike Croll, é derivada do latim *mina* –filão de ouro – e foi originalmente aplicada as escavações dos minerais no subsolo. A técnica e o termo foram tomados de empréstimo pelos engenheiros militares quando abriam cavidades durante os cercos, e enchiam-nas com explosivo para causar o colapso das fortificações (Croll.1998:IX). Mike Croll define minas terrestres, como sendo armadilhas explosivas¹ de produção em massa e que são accionadas pelas próprias vítimas (Croll.1998:IX).

Para Rae Mcgrath, sob o ponto de vista defensivo militar, as minas terrestres são cargas explosivas colocadas no solo, com o objectivo de retardar o avanço do inimigo, debilitar a sua moral, destruindo o seu pessoal e transporte, ou interrompendo as suas comunicações, após a tomada da zona sob o seu controle (Mcgrath. 2000:3).

O Comité Internacional da Cruz Vermelha (CICV), considera minas, os engenhos colocados no solo ou abaixo do nível do solo, ou de outra superfície, e concebidos para explodir por acção da presença, proximidade ou contacto de uma pessoa ou de um veículo (CICV. 1990: 203). Existem dois tipos de minas terrestres geralmente usados: mina anti-pessoal, concebida para explodir pela presença, proximidade ou contacto de uma pessoa e que se destina a pôr fora de combate, ferir ou matar uma ou mais pessoas, e mina anti-tanque concebida para destruição de veículos de combate (CICV.1996: 3). No entanto, existem actualmente minas com dupla função; concebidas para serem detonadas tanto por veículos assim como por pessoas, tornando difícil a sua distinção. Neste trabalho, o conceito de minas é extensivo aos uxo's - munições não detonadas² que, expostas ou soterradas no solo, podem causar ferimentos ou morte de pessoas.

¹ As actuais minas terrestres são armadilhas explosivas, mas os seus predecessores são de origem não explosiva, tais como eram as cavilhas, espigas e estacas aguçadas (Croll. 1998:IX).

² Uxo's (unexploded ordnance) - munições não detonadas . Mcgrath define Uxo's como quaisquer objectos contendo explosivo de qualquer tipo, as quais tenham sido lançadas e não tenham detonado, ou tenham parcialmente detonado, ou tais objectos tenham sido abandonados em quaisquer condições: munições de artilharia, bombas, bazookas, granadas de mão, munições de armas ligeiras, detonadores, bengalas de iluminação e mísseis de todo tipo (Mcgrath.2000:19-20).

O CICV, distingue três características das minas em relação com outras munições convencionais:

- são concebidas para serem activadas pelas próprias vítimas, enquanto que as munições (obuses de artilharia, roquetes e outros) são geralmente concebidas para explodir no momento do impacto;
- são armas de acção retardada que actuam sem discriminação, i.e. que podem mutilar e matar combatentes e não combatentes, mesmo muito tempo após os conflitos;
- as minas geralmente são invisíveis, estando enterradas na terra, ou cobertas por areia, terra ou vegetação (CICV.1996: 3).

As armadilhas, à semelhança do conceito das actuais minas tem sido empregues desde os tempos remotos. Para Croll, as minas terrestres remontam de há 2.500 anos, e podem ser consideradas como um dos sistemas de armamento mais antigos ainda em existência (Croll.1998:X). A antiguidade das minas, é também partilhada por Boulden & Edmonds, que advogam que elas existem desde o tempo dos Romanos, embora tenham sofrido modificações. No sentido em que são compreendidas hoje, as minas terrestres foram introduzidas como produto do desenvolvimento industrial³, mas virado essencialmente para a guerra no campo de batalha. (Boulden & Edmonds.1999: 23).

As minas terrestres, anti-pessoais, foram usadas em larga escala na primeira e segunda guerra mundiais, mas, sobretudo, “durante a segunda guerra mundial e mais especificamente no Norte de África. Estes engenhos foram utilizados para cobrir os espaços vazios, onde a artilharia, os blindados e a infantaria não podiam cobrir grandes áreas do território. As minas, foram igualmente usadas em grande escala na guerra da Coreia do Norte, pelas forças americanas, face ao grande efectivo das tropas da Coreia do Norte e China” (Boulden & Edmonds.1999: 23). Ainda para estes autores, é na década de 50 que se dá o ponto de viragem no desenvolvimento e uso das minas anti-pessoais: nas guerras anticoloniais e de guerrilha⁴.

³ Na visão de Croll, é também a partir de 1880 que a expressão mina terrestre ganhou o seu uso comum Croll.1998:IX).

⁴Esta última usava a chamada guerra irregular – “essencialmente conduzida pelas forças ou homens armados equipados com pequenas armas ligeiras, que operavam na clandestinidade e de forma imprevisível. A sua forma de actuação, seguia os ditados dos teóricos das guerras revolucionárias, tais como Mao Tse – tung, Von Nguyen Giap, e Ernesto “Che” Guevara”

As guerras, anticolonial e de guerrilha que se travaram em território moçambicano, são as que ditaram a proliferação de minas e que hoje, conduzem a estimativas divergentes⁵. Segundo o (CICV.1996: 2) existem cerca de 3 milhões de minas; a Campanha Moçambicana Contra Minas (CMCM), estima a existência de mais de 2 milhões de minas terrestres espalhadas pelo país, as quais afectam a vida das comunidades maioritariamente nas zonas rurais, enquanto que o levantamento feito pela então Comissão Nacional de Desminagem, hoje IND, aponta a existência de 500.000 desses engenhos explosivos (Buque.2000:9).

A existência de minas em Moçambique, tem uma estreita relação com a forma como os diferentes conflitos armados se desenrolaram no território. “ Os conflitos mostram claramente que há uma estreita correspondência entre a forma como a guerra se desenrolou no território e a ocorrência de territórios minados, que surgem assim como marcas deixadas por essa mesma guerra” (Borges Coelho.2000:126). O uso extensivo das minas anti-pessoais em situação de guerra, não era do exclusivo domínio das forças militares convencionais. A guerrilha irregular ou as forças insurgentes também usaram-nas para alcançar os mesmos objectivos: criar baixas, limitar a mobilidade do movimento uniforme das tropas, diminuir a sua moral e garantir o bloqueio de alguns sectores da população para que não fossem influenciados ou atacados pelos adversários. Só que os seus efeitos colaterais, estenderam-se para além dos objectivos preconizados; as minas foram usadas de forma indiscriminada pelas partes beligerantes, em violação frequente das leis do Direito Internacional relativo à condução das hostilidades⁶.

Portanto, a existência de regiões minadas são o reflexo das marcas deixadas por esses conflitos armados, nomeadamente a guerra de libertação nacional e a guerra civil dos 16 anos, que opôs a Frelimo e a

(Boulden & Edmonds.1999:26). E o uso de minas pelas forças guerrilheiras para criar dificuldades ao adversário, faz parte da estratégia de luta, visto que geralmente não podem confrontar-se em pé de igualdade com as forças regulares devido a superioridade bélica destas últimas. Segundo Christopher (1998:2), esta forma de guerra foi adoptada em África, como a mais efectiva forma de contrapor os exércitos altamente organizados e armados.

⁵ Alex Vines e Borges Coelho, referem que a estimativa divulgada de 2 milhões de minas em Moçambique, foi estabelecida pelas Nações Unidas em Dezembro de 1992. Para eles, “estes números não tinham uma base científica e foram estabelecidos a partir da média de diversas estimativas que circulavam na altura. Os trabalhos levados a cabo pelo Human Rights Watch, Halo Trust e outros indicam que se tratava de uma sobrestimação e que o número de minas não ultrapassavam algumas centenas de milhar” (Vines e Borges Coelho. 1995: 25).

⁶ De acordo com o Direito Internacional relativo à condução das hostilidades, no seu protocolo II, de 10 de Outubro de 1980, sobre proibições ou restrições do emprego de minas, armas armadilhas e outros artefactos, no seu artigo 3 refere a proibição do emprego indiscriminado destas armas: a) que não seja a um objectivo militar, nem esteja dirigido contra um objectivo militar, b) ou que se empregue um método ou meio de lançamento que não possa ser dirigido contra um objectivo militar determinado, c) ou que haja razões para prever que causará acidentalmente perdas de vida de pessoas civis, ferimentos a

Renamo⁷. Em todos eles, a utilização de minas pelos beligerantes teve algo em comum: a maioria delas, foram colocadas de forma indiscriminada, sem o respectivo ou com deficiente mapeamento para a posterior localização e remoção⁸.

1.2 O Emprego das Minas em Moçambique

Ao abordarmos a problemática das minas, consideramos dois cenários bélicos, nas quais se fez o uso das minas. O primeiro cenário, foi durante a guerra de libertação nacional, “onde os primeiros efeitos das minas anti-pessoais colocadas pela Frelimo fizeram-se sentir em 14 de Junho de 1965 em Còbué província de Niassa, e minas anti-carro em 10 de Outubro de 1965 em Sagal, Cabo Delgado” (Vines e Borges Coelho.1995:13).

Quadro1: Os Primeiros registos de utilização das minas pela Frelimo

Tipo de Minas	Data	Localização	
		Localidade	Província
Minas anti-pessoal	14 Jun. 1965	Còbué	Niassa
	25 Nov.1965	Muidumbe	C. Delgado
Minas anti-carro	10 Out. 1965	Sagal	C. Delgado
	16 Out. 1966	V. Cabral	Niassa
Engenhos Explosivos (Uxo's)	29 Mai. 1965	N. Coimbra	Niassa
	04 Jul. 1965	Nacatar	C. Delgado

Quadro modificado pelo autor. Fonte: Região Militar de Moçambique/quartel- General (2a Rep.), *SUPINTREP n.18, Potencial de combate das Forças da Frelimo*, Nampula, (Março 1968), (Vines e Borges Coelho.1995:13).

peças civis, danos aos bens de carácter civil ou uma combinação com deles, que seriam excessivos em relação a vantagem militar concreta e directa prevista. (CICV.1990: 204).

⁷ As minas foram igualmente usadas pelas forças governamentais - aquando das incursões militares da antiga Rodésia e das agressões da África do Sul - sobretudo na protecção das fronteiras moçambicanas. Neste trabalho, sem querer menosprezar estes conflitos armados com os países vizinhos, dá-se mais ênfase a guerra de libertação nacional e a guerra civil dos 16 anos, por considerarmos as que decisivamente contribuíram - sobretudo esta última - para a proliferação de minas em Moçambique.

⁸ O General Graça Chongo, não comunga a mesma opinião, pelo menos em relação aos mapas de localização das minas pelas tropas governamentais. Sustenta ele que, a localização das minas nos mapas, sempre foi uma preocupação de qualquer comandante quer da pequena ou de uma grande unidade, para permitir a movimentação das tropas sem reveses das suas armas. A fraca sinalização dos locais minados existentes deve-se fundamentalmente “ *com o fim da guerra, a maneira como se processou a transição, a forma como as tropas saíram dos quartéis para os centros de acantonamento, não deu possibilidades de se entregar os esquemas das áreas minadas, às Nações Unidas. Tudo foi muito rápido*”(Chongo: entrevista,Maputo,22.07.2003).

Para Vines e Borges Coelho, a questão das minas era todavia relativamente secundária e localizada, devido a que a guerra acabava de iniciar e estava ainda circunscrita, no norte do País (Cabo Delgado e Niassa). Para estes autores, as táticas de utilização de minas foram determinadas pelas estratégias militares. A Frelimo, inferior sob o ponto de vista militar, evitava a confrontação directa com a forças armadas coloniais. “As minas eram muitas vezes colocadas no quadro de emboscadas, visando confundir e enfraquecer as colunas inimigas, para poder actuar com maior grau de eficácia” (Vines e Borges Coelho. 1995: 17). Os guerrilheiros então, colocavam minas nas estradas para criar baixas e dificultar a movimentação e o avanço das tropas portuguesas, que não dispunham na época de “equipamento sofisticado para a sua detecção” (Vines e Borges Coelho. 1995:15).

Se por um lado, os guerrilheiros da Frelimo numa primeira fase utilizaram as minas, evitando o contacto directo com as tropas inimigas, devido a superioridade numérica e bélica destas, as forças armadas portuguesas por sua vez, não abdicaram do uso destes engenhos explosivos. As minas foram usadas para emboscar os guerrilheiros nos trilhos suspeitos, na protecção de linhas de defesa e quartéis, e também na protecção de instalações fixas, sendo o exemplo paradigmático a barragem de Cahora Bassa (Vines e Borges Coelho.1995:18); que visava estrategicamente impedir, a pretensão dos guerrilheiros de atravessarem o rio Zambeze, em direcção às regiões centro e sul do país; o que Kaulza de Arriaga refutaria no seu livro escrito à propósito das guerras nas colónias⁹.

Igualmente, as tropas coloniais usaram minas em redor dos aldeamentos¹⁰ na província de Tete (1972-74) para que estas não tivessem ligações com os guerrilheiros. Foi nestes aldeamentos que começam a registar-se acidentes com minas, principalmente com a população civil, embora estas fossem colocadas com fins militares.(Vines e Borges Coelho. 1995: 21-22).

Como segundo cenário, consideramos a guerra civil, aquela em que mais se fez uso das minas, quer por parte da Renamo, quer pela Frelimo, entre os anos 78 –90. As minas usadas pelos primeiros foram maioritariamente fornecidas pela Rodésia e posteriormente pela África do Sul, enquanto que as usadas

⁹A propósito das minas anti-pessoal em volta da Barragem de Cahora - Bassa, Kaulza de Arriaga afirma que foram implantadas pouquíssimas minas num ou noutro ponto da barragem. O efeito psicológico conseguiu-se, convencendo-se as populações e o inimigo de se terem estabelecido campos de minas invioláveis em torno de Cahora-Bassa (Arriaga.1987:231).

¹⁰ Yussuf Adam citando Braga, afirma que a “formação dos aldeamentos foi uma acção única e exclusivamente militar. O aldeamento das populações permitia um controlo e um acompanhamento muito maiores dos contactos mantido por elas com

pelos segundos, foram abastecidas pela então União Soviética e outros países do bloco do Leste, existindo também quantidades significativas de minas terrestres cuja origem eram de países ocidentais.

As tropas governamentais ao longo dos conflitos armados com a Renamo, não só recorreram ao uso de minas para fins estritamente militares; de modo a provocar baixas ao adversário, criando campos de minas em volta dos quartéis e postos defensivos das unidades militares, mas também, “para proteger da tentativa de sabotagem ou ocupação por parte dos rebeldes dos pontos estratégicos económicos e sociais”. Deste modo, as minas foram colocadas “para proteger postes de transporte de energia, estradas e vias férreas, barragens e represas, fábricas, condutas de transporte de água, hospitais e postos de saúde”. Além disso, as forças militares governamentais “estabeleceram campos minados de protecção no perímetro das cidades, vilas e povoados sob o risco dos ataques da Renamo”. (Vines e Borges Coelho. 1995: 29-30)¹¹.

No contexto da estratégia de luta dos insurgentes, o uso de minas tinha como alcance, enfraquecer a economia e isolar mobilidade das forças governamentais nos quartéis cidades e vilas. A sua estratégia militar incidia também em grande parte do seu esforço, no bloqueio do tráfico rodoviário e ferroviário, pistas de aviação no interior dos distritos e no isolamento das posições governamentais (Vines e Borges Coelho. 1995: 27-28). A Renamo igualmente usou minas “contra infra-estruturas civis, vias de acesso aos campos, fontes de água, postos de saúde, escolas, fábricas e plantações. Os cemitérios também foram alvo frequente das minas (Buque.2000:8-9)¹².

1.3 A Situação Actual das Minas

Moçambique consta da lista dos países mais afectados pelas minas no mundo e na África Austral. Os resultados do inquérito produzido pelo IND (MLIS.2001:11), demonstram que virtualmente todas as regiões de Moçambique continuam a experimentar consequências negativas sócio-económicas, resultante das minas terrestres e uxo's. No relatório são identificados 791 comunidades afectadas pelas

os guerrilheiros, possibilitando também a organização de um sistema de auto defesa, através da formação de milícias e distribuição controlada de armas” (Adam. 1991: 190).

¹¹ Nos anos 80, Vines e Borges Coelho, referem que as minas também foram usadas para criar campos minados defensivos ao longo da fronteira com África de Sul, parte da fronteira com Malawi e Suazilândia. E que estes campos minados fronteiriços, muitos deles foram registados (Vines e Borges Coelho. 1995: 29-30).

minas terrestres e áreas suspeitas de estarem minadas, cobrindo no total uma extensão estimada em 1.374 Km². As minas terrestres afectam todas as províncias de Moçambique - 123 dos 128 distritos. 9% da população nacional (aprox. 1.5 milhões) em 1997, estavam afectadas pelas minas. 768 comunidades afectadas, eram classificadas como rurais, enquanto que 23 comunidades urbanas, incluindo três com uma população superior a 30.000, estavam também afectadas (MLIS.2001:11).

Quadro 2: Zonas suspeitas ou minadas em Moçambique

Província	Data de colocação	Aldeias afectadas		População Afectada		Quantidade de áreas suspeitas ou minadas		
		Quant.	%	Quant.	%	<1000 m ²	>1000m ²	Total
C. Delg.	1964-1992	84	12.1	170.566	11.4	81	85	166
Gaza	1964-1992	46	5.1	90.766	6.1	32	38	70
Inhamb.	1964-1992	157	18.9	373.033	25.1	102	159	261
Manica	1964-1992	60	8.0	89.823	6.0	56	54	110
Maputo	1964-1992	100	13.4	126.592	8.5	81	103	184
Nampula	1964-1992	81	9.5	178.152	11.9	30	100	130
Niassa	1964-1992	40	4.5	60.379	4.1	25	37	62
Sofala	1964-1992	52	7.4	134.156	9.0	36	66	102
Tete	1964-1992	58	6.5	93.596	6.5	43	46	89
Zambéz.	1964-1992	113	14.6	171.527	11.5	86	114	200
Total		791	100	1.488.590	100	572	802	1.374

Fonte: IND. Relatório do artigo 7 (Set.1999/Dez.2000) pág.4.

Na região Sul, depois de Inhambane, a província de Maputo é a que apresenta maior número de áreas suspeitas ou minadas, bem como de comunidades afectadas. As aldeias afectadas por minas e uxo's foram reportados em quase todos os distritos da província, com maior gravidade para o Distrito de Matutuíne com 19 áreas afectadas, seguido de Magude e Moamba com 16 áreas afectadas, e Manhiça com 15. Estes três Distritos, reportam o maior número de minas/uxo's, perfazendo 78% do total para a província. O Distrito de Matutuíne, igualmente reporta o maior número de vítimas (135), seguido pelo Distrito de Moamba (96), do total de 364 vítimas (IND/LOIS.2001:3).

¹² Citação feita de Lansberg J. *Estudos sobre acções de sensibilização sobre o perigo de minas na região da SADC*. South África, Management and conference services África (Pty) Ltd. (1997:121).

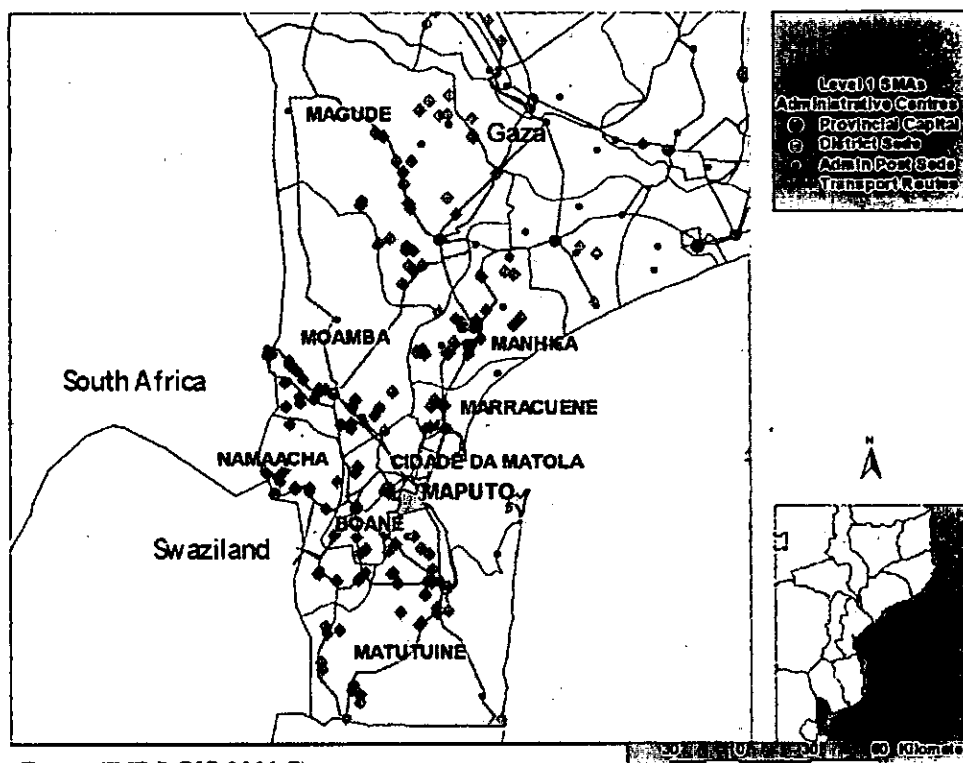
Quadro 3: Quadro da Situação das Minas – Distritos da Província de Maputo

Distrito	Aldeias visitadas		População		Áreas Minadas e vítimas	
	Afectadas	Não afectadas	Potencialmente Afectadas	Total	Áreas suspeitas/minadas	Total das vítimas
Boane	7	9	6.416	39.481	12	16
Magude	16	15	6.128	33.311	33	33
Manhiça	15	16	29.461	111.341	30	27
Marracuene	9	13	3.374	31.382	7	31
Matutuine	19	15	11.850	32.856	35	135
Moamba	16	10	4.462	30.515	27	96
Namaacha	10	12	6.494	21.431	17	26
Total	89	90	68.185	300.321	161	364

Fonte: (IND/LOIS.2001:3).

As áreas suspeitas ou minadas nos Distritos da província de Maputo, são consideradas como antigas instalações militares, proximidade dos caminhos e estradas e proximidades das fontes de água. A maioria das zonas não estão sinalizadas (sinais sobre o perigo de minas ou vedações que indiquem que a área está contaminada). As comunidades (aldeias) não estão afectadas da mesma forma. Algumas possuem uxo's, algumas possuem minas e uxo's, e outras somente minas (IND/LOIS.2001:8).

Fig.1 Distribuição das Áreas Suspeitas ou Minadas



Fonte: (IND/LOIS.2001:7).

Em relação à Catuane, uma das localidades do Distrito de Matutuine, o problema das minas afecta todos povoados a excepção de Ncassane, Ndlala e Mabondwene. Os dados fornecidos pelo PAD apontam sobretudo na zona de Catuane –Sede, Mahau e Manhangane onde foram desminadas no total uma área de 401.969 m², destruídas 245 minas anti-pessoais, 75 minas anti-grupo, três minas anti-tanque, e 224 uxo's. As minas mais comuns encontradas nesses locais são: **Anti-Pessoais (AP)**: PMN, PMN2, PMD-6 e Gayata 64. **Anti-Grupo (AG)**: OZM-72, OZM-4, POMZ-2, e POMZ-2M. **Anti-Tanque (AT)**: TM-47 e TM-57. Em relação as munições não detonadas (**Uxo's**), as mais frequentes são: granadas de mão F1 e RDG-5, minas de morteiro 60 e 82 mm, roquetes RPG-7, Obuses B11 e B21, e várias munições de diversos calibres, todas de origem soviética.

Quadro 4: Dados Estatísticos das Minas e Desminagem em Catuane

Nome do Campo	Área Desminada m ²	Tipos de Engenhos Explosivos Destruídos			
		Minas AP	Minas AG	Minas AT	Uxo's
Catuane – Sede	56.112	6	14	0	202
Catuane - Sede (Poço)	6.400	0	1	0	1
Mahau	50.304	12	0	0	10
Manhangane	289.153	227	60	3	11
Total	401.969	245	75	3	224

Fonte: PAD (2003). Quadro sistematizado pelo autor.

É a partir deste quadro sobre a problemática das minas que se depreende a pertinência do tema e do local escolhido. As minas constituem uma realidade objectiva. Sendo este um país essencialmente rural, a terra ainda constitui um elemento fundamental para as comunidades porque dela se servem para a sua sobrevivência. A existência de minas numa determinada área, afecta a vida das comunidades; não só por criar espaços potencialmente perigosos para as populações, mas também por trazer consigo uma nova realidade que os actores sociais passam a encarar, porque ela faz-se presente no seu quotidiano, no seu pensamento, e nas suas acções.

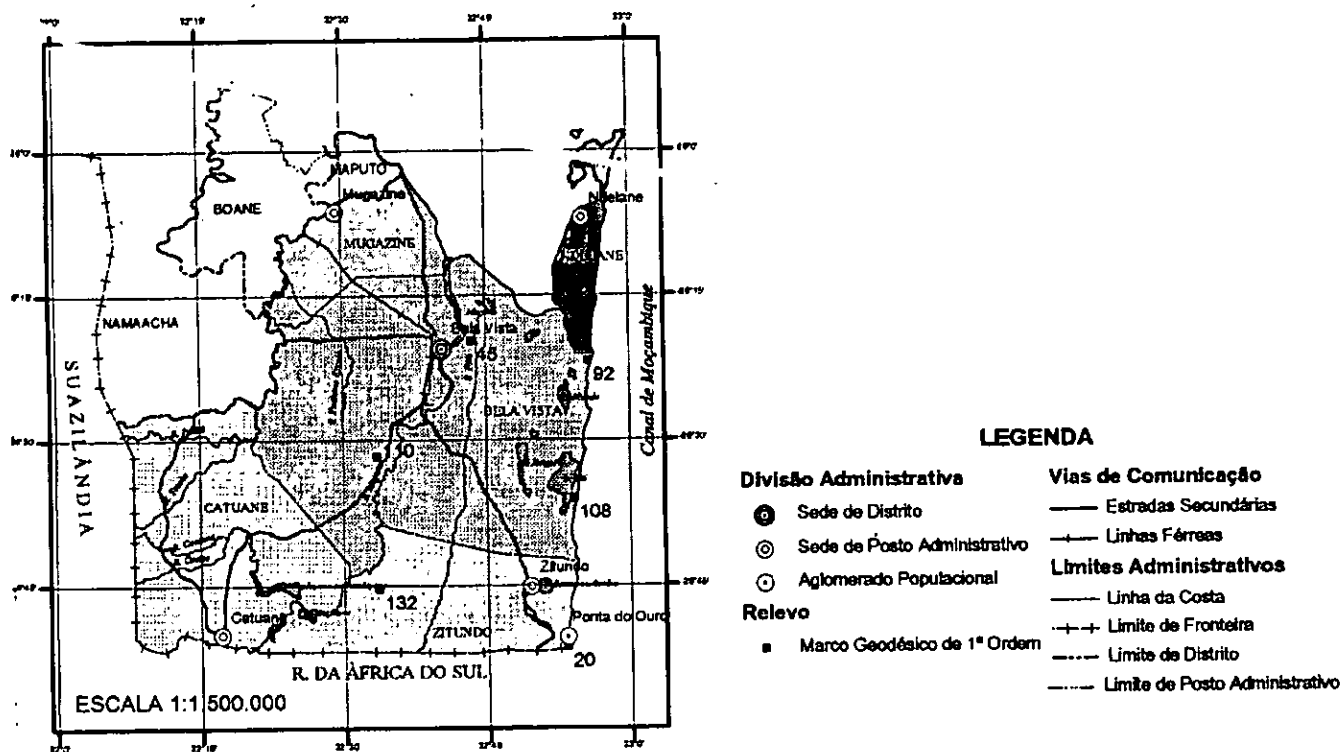
1.4 Breve Apresentação do Local da Pesquisa

1.4.1 O Distrito de Matutuine

Antes de abordarmos sobre o Posto Administrativo de Catuane, que é propriamente o local escolhido do presente estudo, importa de forma sucinta apresentar o Distrito de Matutuine, onde se subordina Catuane administrativamente.

O Distrito de Matutuine localiza-se no extremo Sul da província de Maputo e do País, entre os paralelos 26° e 27° de latitude Sul, entre 32° e 33° de longitude Este. A Norte é limitado pela baía e a cidade de Maputo; a sul pela república da África do Sul com a província de Kwazulo Natal; a Este é banhado pelo oceano Índico, e a Oeste limita-se com os distritos de Namaacha e Boane, e é confinado com o reino da Suazilândia.

Fig2. O Distrito de Matutuine



Fonte: Dinageca (2003)

Matutuine possui cinco Postos Administrativos – Catembe, Catuane, Machangulo, Zitundo e Bela-Vista (sede distrital), com um total de doze localidades (PDDM.2002:3-4).

Quadro 4: Divisão Administrativa de Matutuine

Distrito de Matutuine	
Postos Administrativos	Localidades
Bela - Vista	Missevene, Bela -Vista Sede, Salamanga e Tinonganine
Catembe	N'sime, Filipe e Mungazine
Catuane	Catuane
Machangulo	Mabuluco, Nhonguane e Ndelane
Zitundo	Zitundo

Fonte: (PDDM.2002:3-4).

A população de Matutuine é estimada em 35.161 habitantes (censo de 1997). Possui uma área de 5.403 Km², e uma densidade populacional de 6.5 habitantes por Km². Matutuine é habitada maioritariamente pela etnia Ronga, componente do grande grupo populacional Tsonga. De acordo com Junod, os verdadeiros Ronga à Sul da baía de Maputo são os do clã Tembe e dois sub-clãs que se tornaram independentes; Matutuine e Maputo. No entanto, para além dos Ronga, existem outras etnias como a Nguni (ligados à família Zulo da região do Natal, quer à família Suazi), Tsuas de Inhambane (chamados de "Vátsua"), e os Changanas da Província de Gaza e Norte de Maputo. Assim se explica os contactos frequentes com os países vizinhos (África do Sul e Suazilândia). Realizam-se casamentos mistos e alguns grupos da população, possuem famílias de ambos lados da fronteira. Esses contactos frequentes com os países vizinhos são também resultantes da falta de oportunidade de emprego no mercado local, tornado-se o trabalho migratório (principalmente à África do Sul) uma importante fonte de rendimento (PDDM.2002:3-4).

No distrito de Matutuine encontramos dois tipos de poder representado pelo Estado, e pelas autoridades tradicionais - régulos, chefes de terras e indunas (PDDM.2002:4). Os grupos dinamizadores continuam a ser representantes do Estado junto das comunidades. A estrutura governamental é representada pelas direcções distritais de Agricultura e Pescas, da Industria, Comércio e Turismo, de Educação, Obras Públicas e Habitação, de Saúde , da Cultura Juventude e Desportos e da Coordenação de Acção Social. Outras instituições, incluem os correios, o registo civil, o tribunal judicial, a polícia, os serviços de informação do estado, as empresas públicas de caminhos de ferro, de electricidade e de telecomunicações. De acordo com as autoridades distritais, outros organismos acham-se pertinentes, como o Ministério de Plano e Finanças, do Meio Ambiente, do Trabalho e dos Transportes (ACNUR/PNUD 1997: 3).

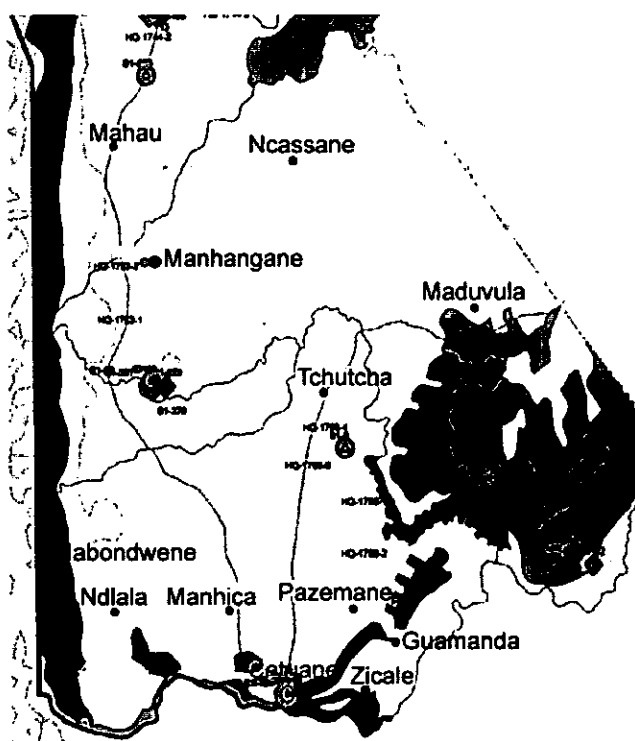
A família é a base da organização social. Os homens são os responsáveis pelo agregado familiar. No entanto, aparecem no Distrito, famílias chefiadas por mulheres. Em Matutuíne, o casamento realiza-se de duas formas: o tradicional (Mutimba) e o civil. O primeiro realiza-se por meio de pagamento do lobolo que é simbólico e na entrega de bens e/ou dinheiro aos pais da mulher.

As principais religiões professadas pelas comunidades de Matutuíne são: Igreja Assembleia de Deus, Velhos apóstolos, Espírito Santo, Católica, União Baptista, Welsiana, Presbiteriana, Testemunha de Jeová e Zione (PDDM.2002:4).

1.4.2 O Posto Administrativo de Catuane

De acordo com o Relatório de Desempenho do Posto Administrativo de Catuane (RDPAC.2003)¹³, esta localidade tem uma superfície de 1.500 Km² e fica situado à Sul da Província de Maputo. Faz fronteira à Sul com a República da África do Sul, à Norte com o posto Administrativo de Changanane - Distrito de Namaacha, à Este com o Posto Administrativo de Zitundo (Matutuíne), e à Oeste com o Reino da Suazilândia. É habitado por cerca de 10.000 habitantes.

Fig.3 Localidade de Catuane



Fonte: Dinageca.2003

¹³ Relatório referente ao desempenho do Posto Administrativo de Catuane, apresentado aquando da visita do governador de Maputo em 20 de Fevereiro de 2003.

Catuane está organizado em povoados – cujas habitações encontram-se esparsas desde centenas de metros até Kms – nomeadamente Mahau, Manhangane, Ndlala, Mabondwene, Manhica, Pazmane, Guamanda, Zicale/Quiticane, Tchutchá, Maduvula e Ncassane. Cada povoado é dirigido pelo líder comunitário em coordenação com o grupo dinamizador (RDPAC.2003). Durante a guerra, pelo facto deste Posto fazer fronteira com a África do Sul e a Suazilândia, parte significativa das comunidades, procuraram refúgio nesses países, as quais retornaram paulatinamente com o apoio da UNHOAC, depois do AGP em 1992 (ACNUR/PNUD.1997:5).

1.4.3 Aspectos Sócio- culturais

Na Localidade de Catuane, as famílias estão organizadas no sistema patrilinear. Entretanto, devido aos divórcios, abandono dos lares por parte dos homens para África do Sul e Suazilândia a procura de melhores condições de vida, cabe em grande medida as mulheres desempenharem o papel de chefes de família. Normalmente as actividades são realizadas em função do sexo; existindo actividades para homens como a pesca, criação de gado, caça, produção do carvão e da lenha, enquanto que as mulheres são responsáveis pelas actividades tais como, a colecta de produtos vegetais para o consumo, venda de plantas medicinais e de bebidas tradicionais. Igualmente as mulheres tem um papel preponderante no comércio informal e nas actividades piscatórias (Culuane.2003:VII). No entanto, a prática da agricultura é realizada por ambos os sexos.

1.4.4 Actividades de Sustento e Rendimento

A principal actividade das comunidades é a agro-pecuária. Cultiva-se principalmente o milho, a mandioca, a batata- doce e a cana sacarina. No entanto, também se cultiva o amendoim feijão nhemba, bananas e hortícolas¹⁴. Catuane conta com 1.089 cabeças de gado bovino no sector privado e 723 no sector familiar, totalizando 1.821 cabeças. Em relação ao gado caprino, existem 325 animais no sector privado e 2.675 no sector familiar, perfazendo um total de 3000 animais. O gado suíno é o mais fraco

¹⁴ A campanha agrícola 2002/2003 segundo o administrador de Catuane, encontra-se perdida na sua totalidade devido a seca prolongada que assola o posto, colocando a população numa situação difícil. Foram registados dois óbitos em Manhangane devido a fome, pelo menos até a data em que estivemos no terreno: 12.05.03.

existindo apenas 27 no sector privado, e 40 no sector familiar totalizando 75 animais¹⁵. Ainda criam-se aves e coelhos no sector familiar para o consumo e venda. (RDPAC.2003). A pesca no rio Maputo e nas lagoas Mutiquine e Pandjene, bem como a caça de animais selvagens, constituem outras fontes de alimentação e rendimento. Em Catuane, é notória a produção de carvão e lenha, que são vendidos nos mercados de Boane e Maputo. As bebidas tradicionais caseiras e o ganho-ganho, constituem outras formas de rendimento.

1.4.5 A Rede Escolar, Sanitária, Comercial e Rodoviária

O Posto Administrativo de Catuane carece de infra-estruturas de saúde de nível secundário. A rede sanitária é composta por apenas unidades de nível primário. Conta com três postos de saúde, onde se registam casos frequentes de malária, diarreias, disenterias, doenças da pele, tuberculose, Dts e Sida. A rede escolar é igualmente deficiente, limitando-se ao ensino primário do primeiro grau. Funcionam oito escolas do EP1. A escola Primária de Mahau é a única que lecciona o EP2. Em todo o Posto, existem 1.040 alunos e 34 alfabetizandos assistidos por 22 professores.

Catuane, é uma localidade carente de energia eléctrica e de água potável. Existem somente 10 furos de água. Os povoados mais carentes de água são os de Mahau, Manhangane e Ncassane. A maioria da população dos povoados de Catuane, recorre a água dos rios, lagoas e poços existentes na zona.

A rede comercial foi destruída aquando da guerra. Dos 10 estabelecimentos comerciais que existiam, actualmente funcionam três, que não satisfazem as necessidades das comunidades. Devido a esta situação, abastecem-se através do sector informal e dos países vizinhos (África do Sul e Suazilândia).

As populações de Catuane atravessam grandes dificuldades por falta de transporte público e semi-colectivo - vulgo "chapa 100" (RDPAC.2003). As estradas são terraplenadas, em mau estado, sendo intransitáveis em alguns troços no tempo chuvoso.

¹⁵ Os dados referem-se ao levantamento feito em 2001. No entanto, actualmente, é possível que estes números estejam largamente ultrapassados.

1.4.6 O Conflito de Terras

No Posto Administrativo de Catuane há ocorrências de conflitos de terras entre interesses empresariais e as comunidades locais. Estes conflitos, resultam do não envolvimento das comunidades na entrega de grandes extensões de terras aos investidores, sendo-as retiradas das suas zonas potencialmente agrícolas, e propícias para a pastorícia. Muitas vezes, os empresários ocupam grandes hectares de terras, obrigando as populações a procura de terras férteis para o cultivo longe das suas zonas de habitação, dificultando também outras actividades como a recolha de lenha e a prática da caça. É nesta procura de novas terras para a prática da agricultura e outras actividades quotidianas das comunidades - em zonas afastadas do seu habitat, portanto desconhecidas - que aumentam potencialmente os acidentes com minas.

2.0 A PESQUISA

2.1 Enquadramento Teórico

Para o propósito da nossa pesquisa – a realidade das minas terrestres na Localidade de Catuane, usámos três conceitos que consideramos fundamentais: Realidade social, Comunidades e o conhecimento na forma de Representações Sociais.

2.1.1 A Realidade Social

A Realidade Social é multifacética. Proudhon, segundo Gurvitch, considera a realidade social “multiforme e pluridimensional”, constituída por diferentes patamares que compreende “as forças colectivas, as regulamentações sociais (signos, modelos, regras, símbolos), a justiça e o ideal, muitas vezes em conflito entre si ou conjugados, enfim a razão colectiva identificada com a consciência colectiva”. Para Proudhon, “a base desta realidade é o esforço, a acção colectiva, cuja manifestação é feita pelo trabalho” (Gurvitch.1983:43).

Para Marx, a produção social da vida dos homens cria-se na *praxis* onde “as forças produtivas e as relações de produção se interpenetram e se confrontam de uma maneira dialéctica”. A produção espiritual das ideias, das representações, da consciência, está implicada na produção material. Em Marx, aquilo que as pessoas sabem - da realidade - depende da posição que ocupam dentro do modo de produção. Aquilo que as pessoas são, depende das condições materiais da sua produção (Marx & Engels.1974:19). Portanto, “o modo de produção da vida material condiciona de forma geral, o processo da vida social, política e intelectual”. Para Marx, “não é a consciência dos homens que determina a sua existência, mas, pelo contrário, a sua existência social que determina a sua consciência” (Marx.1976: 62).

Georg Simmel, citado por Crespi, considera a realidade social como “o resultado das interacções recíprocas entre os indivíduos”, distinguindo dentro da sociedade em que vivem, aquilo que ele chama de conteúdo e forma. O conteúdo, é “tudo aquilo que existe nos indivíduos, nos lugares imediatamente concretos da realidade histórica, encontrando-se presente em forma de impulso, interesse, objectivo,

inclinação, situação psíquica e movimento”; enquanto que a forma, seria “a maneira através das quais os indivíduos singulares estabelecem as suas interacções” (Crespi.1997:47).

A realidade social em Schutz, segundo Couloun, é a “soma total dos objectos e dos acontecimentos do mundo cultural e social, vivido pelo pensamento do senso comum de homens que vivem juntos numerosas relações de interacção. É o mundo dos objectos culturais e das instituições sociais em que nascemos todos nós, onde nos reconhecemos”. Para Alfred Schutz, “nós os actores no cenário social vivemos o mundo como um mundo ao mesmo tempo de cultura e natureza e não como um mundo privado mas, intersubjectivo, ou seja que nos é comum, que nos é dado, ou que é potencialmente acessível a cada um de nós; implicando para isso a intercomunicação e a linguagem” (Couloun. 1995:11-12). Ainda citado por Crespi, Schutz sustenta que o fundamento do mundo social é “a relação intersubjectiva que une os membros singulares de uma dada sociedade. E que na “prática, nas situações históricas concretas, os indivíduos desde o seu nascimento encontram um mundo social já anteriormente formado, enquanto um ambiente comum que torna possível as relações sociais” (Crespi.1997:120).

Berger e Luckman, partindo de uma perspectiva construtivista, consideram a sociedade como uma realidade objectiva e subjectiva. Na primeira realidade, o homem cria uma determinada realidade, onde ela é objectivada. “Ela (a realidade), aparece objectivada i.e. constituída por uma ordem de objectos que foram designados como objectos antes de entrada em cena dos actores sociais e a linguagem quotidiana fornece continuamente as objectivações e determina a ordem em que estas ganham, adquirem sentido e na qual a vida quotidiana ganha significado para o actor social”. (Berger & Luckman.1990:38).

A segunda realidade (Subjectiva), é onde se interioriza a própria realidade através da socialização primária e secundária. A interiorização constitui a base “primeiramente da compreensão de nossos semelhantes, e, em segundo lugar, da apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido” (Berger & Luckman.1990:174).

Ainda, Berger e Luckman, constataam que na realidade social, existem três momentos dialécticos onde cada um deles, corresponde a uma caracterização essencial do mundo social: “A sociedade é um produto humano. A sociedade é uma realidade objectiva. O homem é um produto social” (Berger & Luckman.1990:38).

Neste trabalho, consideramos a realidade social, como a soma total dos objectos e dos acontecimentos do mundo cultural e social, vivido pelo pensamento do senso comum de homens que vivem juntos numerosas relações de interacção, e que existe independentemente da apreensão que os actores sociais têm sobre ela.

2.1.2 *As Comunidades*

Consideramos comunidade, como sendo um determinado grupo de pessoas que residem numa determinada área geográfica, compartilham cultura e estilos de vida comuns (hábitos, língua, costumes, representações, crenças, etc.).

No entanto, o conceito de comunidade em ciências sociais, suscita diferentes definições por ser um conceito vago e evasivo resultante da diversidade de sentidos atribuída a ela, para descrever unidades sociais que variam de aldeias, conjuntos habitacionais e vizinhanças locais, vilas, cidades, grupos étnicos, nações e organizações estrangeiras. Para Michael Taylor, “há comunidades académicas, comunidade empresarial e outras comunidades especializadas” (Taylor.1982: 27).

Brian Juan O’Neill, refere que o conceito de comunidade “tem sido criticado, atacado, rejeitado, marginalizado, dissecado, reformulado e ressuscitado”. A comunidade igualmente tem sido “erroneamente rotulada, com uma extensa e colorida lista de epítetos alvitantes como: fechada, isolada, harmoniosa, tradicional, pequena, homogénea, simples, primitiva, iletrada, analfabeta e idílica” (O’Neill. 1995:1332). Esta visão problemática de definição já Proudhon antevira na sua obra, *A Nova Sociedade*, quando se referiu a comunidade “como algo que se apodera em nós na origem e impõem-se-nos fatalmente, tal como as grandes forças da natureza”. Para Proudhon, a essência da comunidade opõe-se a definição; “ela não é a mesma coisa que igualdade, ela não atende nunca a matéria e depende totalmente do livre arbítrio” (Proudhon. S/d : 45).

O conceito sociológico de comunidade está ligado à Ferdinand Tönnies quando tenta construir um quadro conceptual de comunidade (*gemeinschaft*) e sociedade (*gesellschaft*), em que ambas se traduzem “em duas formas de sociabilidade humana ou de relações sociais entre os indivíduos”. Com esses conceitos, Tönnies buscou interpretar a evolução das sociedades ocidentais “cujo sentido ia da

comunidade à sociedade, isto é, procurou nesses conceitos o segredo da inteligibilidade da transição entre sociedades tradicionais e modernas”(Ferreira e al. 1995:118). Segundo Galliano, Tönnies ao referir-se às comunidades identifica três tipos: comunidade de *sangue*, como a família, a linhagem, o clã; comunidade de *lugar* que seria de vizinhança e comunidade de *espírito*, baseadas na amizade ou na concórdia. Para Tönnies, “nas comunidades, pessoas encontram-se unidas por laços naturais e espontâneos, bem como por objectivos comuns, que transcendem os objectivos particulares de cada um. Elas são a origem e as depositárias da moralidade dominante em cada época e lugar”. Na comunidade portanto, “não há oposição, mas identidade natural e espontânea entre os interesses de cada membro e interesse geral” (Galliano.1986:121).

Para Pina-Cabral, a comunidade tanto pode referir-se a um “complexo de relações sociais, assim como um complexo de ideias e sentimentos”. No entanto, ele reconhece que esta distinção não é radical e encontra uma certa lógica desta ambiguidade. Pina-Cabral, apoiando-se em Calhoun, afirma que a “dimensão experiencial da comunidade não é independente da dimensão estrutural; o sentimento de uma comunidade funda-se directamente nas relações sociais através das quais se pode pertencer a uma comunidade. O que transforma um grupo de pessoas numa comunidade é a força do investimento realizado por cada um, num conjunto de interesses comunalmente definidos” (Pina-Cabral.1986: 151)¹⁶.

Apesar do conceito de comunidade ser evasivo, alguns autores tentaram operacionalizá-la de várias maneiras. Sebastião Garcia, vê uma comunidade “sempre que em um determinado espaço geográfico, os indivíduos se conhecem, possuem interesses comuns, analisam juntos os seus problemas e põem em comum os recursos para resolvê-los”. Portanto, a comunidade seria “uma reunião total de ideias, interesses e recursos em um determinado espaço geográfico, em que as pessoas interagem buscando soluções para os seus problemas, para a realização do bem comum” (Garcia.1987: 9). José Artur, referenciado por Garcia, considera a comunidade como “um grupo humano vivendo em área geográfica contígua, possuindo as mesmas tradições, os mesmos interesses e a consciência da participação em ideias e valores comuns” e que a comunidade implica também a “comunicação entre as pessoas e que o

¹⁶ Pina - Cabral referindo-se a Calhoun, considera ainda a comunidade como “uma variável, mas não somente variável porque pode ser mais forte ou mais frágil, mas porque podem existir comunidades no interior de comunidades, e comunidades que se criam em detrimento de outras” (Pina -Cabral.1986: 152).

seu limite, era a impossibilidade dos participantes se conhecerem e trocarem mútuas experiências” (Garcia.1987: 9).

As comunidades em Garcia, podem ser de dois tipos: espaciais e funcionais. As comunidades espaciais “se constituem pela contiguidade espacial em que vivem os membros, (o bairro, o povoado rural) seriam comunidades desse tipo”. As funcionais, “se constituem principalmente pela participação numa função comum, por exemplo, o trabalho - as empresas, os colégios, as universidades” seriam segundo Garcia, comunidades de trabalho (Garcia. 1987: 10). Para o autor, a comunidade depende de certos requisitos como:

- uma certa contiguidade espacial, uma aproximação habitual dos membros que permita entre eles os contactos directos ou a utilização dos serviços básicos comuns;
- a consciência de interesses comuns que revele aos membros a possibilidade de unidos atingirem objectivos que isolados não alcançariam;
- a participação em uma obra comum, que é a realização desses objectivos, e a força de coesão interna da comunidade (Garcia. 1987: 10).

Enquanto isso, Michael Taylor, encontra igualmente três atributos ou características que uma comunidade deve reunir:

- as pessoas que compõem a comunidade têm crenças e valores em comum, devendo-se-lhes acrescentar, ideologias, mitos e religiões, e a comunicação promove a convergência dessas crenças e valores;
- as relações entre os membros devem ser directas¹⁷ e elas podem ser multideterminadas;

¹⁷ As relações são directas, segundo o autor, quando não mediatizadas pelos representantes, líderes, burocratas, instituições tais como do estado ou por códigos e reificações.

- a prática da reciprocidade. Cada acto individual no sistema de reciprocidade é usualmente caracterizado pela combinação que se podia chamar de altruísmo: eu ajudo-te agora, na expectativa de tu possivelmente me ajudares amanhã (Taylor.1982: 26-28).

As ideias que avança Ely Chinoy em relação as comunidades, é que estas, “são grupos sociais inclusivos, territorialmente definidos, onde os homens podem seguir todo o curso da sua vida, embora possam conter divisões internas – famílias, clãs ou linhagens, classes, grupos étnicos, e associações”. Citando a Mciver, dentro de uma comunidade, “os homens revelam características comuns de certo género, e até certo ponto distintivas – maneiras, tradições, modos de falar, sinais e conseqüências da vida em comum” (Chinoy. 1993: 373). Chinoy também considera a “comunidade como uma “questão de graduação”, cujos os seus limites são difusos. “Aldeias e cidades estão encerradas em regiões, bairros em cidades, regiões em nações, e as próprias nações numa comunidade internacional. Cada área constitui um todo geográfico ou territorial – cujos membros de certa forma estão ligados por laços significativos” (Chinoy. 1993: 373).

2.1.3 *As Representações Sociais*

Durkheim foi dos primeiros a usar a expressão representação colectiva, para designar que ela não se reduz a soma das representações dos indivíduos que compõem uma sociedade. Para Durkheim, “os estados da consciência colectiva, são de natureza diferente dos estados da consciência individual. A mentalidade dos grupos, difere da mentalidade dos indivíduos particulares” (Durkheim.1966: XXIV). Segundo este autor, a vida social não se pode explicar por factores puramente psicológicos, por estados individuais de consciência. As representações colectivas, “traduzem a maneira pela qual o grupo se espelha a si mesmo nas relações com o objecto que o afectam, e para compreender a maneira pela qual a sociedade se vê a si mesma e ao mundo que a rodeia, deve-se considerar a natureza da sociedade e não dos indivíduos particulares” (Durkheim.1966: XXIV-XXV). Embora Emile Durkheim faça esta dicotomia representações colectivas/individuais, todavia, reconhece que a vida social é feita de representações. Neste trabalho, não pretendemos discutir a questão das representações do ponto de vista da sociologia e da Psicologia, porque a fronteira entre o social e o psicológico é precária, e nas representações sociais segundo Vala, o próprio Moscovici admite existir “uma confluência de conceitos sociológicos e psicológicos dentro delas (Vala.1996: 359). Igualmente para Gurvitch, não existe uma

dicotomia nítida. a consciência colectiva é inseparável da consciência individual. “As relações entre a psicologia e a sociologia, faz-se tanto no domínio das relações entre as consciências individuais e as estruturas ou conjunturas sociais” (Gurvitch.1977:115-116). Portanto, para Gurvitch, “as consciências colectivas estão em cada um de nós, e cada um de nós está nas consciências colectivas”. O raciocínio de Simmel, também vai de encontro com a nossa posição ao “afirmar que toda a descrição de uma situação social, é também um exercício de conhecimento psicológico” (Simmel.1983:74).

As representações sociais segundo Jodelet, citado por Pereira de Sá, são uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social (Pereira de Sá.1989:32). Em Moscovici, toda representação é uma “representação de alguém tanto quanto de alguma coisa” (Moscovici.1978:27). Representar um objecto é conhecê-lo tornando-o significante, é dominá-lo e interiorizá-lo, fazendo-o nosso. (Moscovici.1978: 63-64). Da mesma forma, Berger & Luckman (1990:37) sustentam que, toda a consciência “tende para ou é dirigida para objectos. Ela é “sempre intencional”.

Ainda segundo Moscovici, citado por Pereira de Sá, em toda a representação encontramos uma complementaridade entre figura e significação. Ela faz “compreender em toda a figura um sentido e em todo sentido uma figura”. A função de duplicar um sentido por uma figura, dar materialidade ao objecto abstracto, naturalizá-lo, chamou de *objectivação*, enquanto que a função de duplicar uma figura por um sentido, fornecendo um contexto inteligível ao objecto, interpretando-o, foi chamada de *ancoragem* (Pereira de Sá.1989:34). Para Moscovici, as “representações fazem circular, experiências, conceitos, vocabulários e condutas que provem de diferentes origens, fazendo reduzir - a variabilidade dos sistemas intelectuais e práticos - os aspectos desconexos do real: Assim, o insólito insinua-se no costumeiro, e o extraordinário torna-se frequente” (Moscovici.1978: 62).

Na senda da exterioridade dos factos sociais de Durkheim, Moscovici sustenta que a representação é apreendida na consciência individual ou colectiva, de um objecto, de um conjunto de ideias que são exteriores, visto que os actores sociais e os grupos relacionam-se de preferência, com os objectos, actos, e as situações constituídas no decurso das interacções sociais (Moscovici.1978: 25-26). Esses dados/objectos em Moscovici, jamais são acabados e unívocos. “Deixam muita liberdade de jogo à actividade mental que se empenha em apreende-los”. Por isso Schutz, citado por Couloun, advoga que

os actores sabem que na vida social, jamais vêm os objectos da mesma forma. Os actores sociais “não se colocam no mesmo ponto de observação desses objectos e não tem as mesmas objectivações, ou os mesmos objectivos, as mesmas intenções para observá-los” (Couloun.1995:13). E é aqui que intervem a linguagem, “para impregná-los de suas metáforas e projectá-los em seu verdadeiro espaço que é simbólico” (Moscovici.1978:26).

Na perspectiva de Moscovici, “uma representação fala tanto quanto mostra, comunica tanto quanto exprime. Ela produz e determina os comportamentos dos actores sociais, ao definir simultaneamente a natureza dos estímulos que os cerca e os provoca, e o significado das respostas a dar-lhes” (Moscovici.1978:26).

Para o estudo das minas terrestres, deve-se entender as representações sociais na perspectiva de Moscovici, “como sendo um conjunto de conceitos, afirmações, explicações - considerados verdadeiras teorias do senso comum – pelas quais se procede a interpretação e mesmo a construção das realidades sociais” (Moscovici.1978:26).

2.2 O Problema

As minas na localidade de Catuane (Distrito de Matutuíne), são um problema extensivo à todas as províncias, que sofreram os efeitos das diferentes guerras travadas em Moçambique. Assim, a Província de Maputo e especificamente o Distrito de Matutuíne, está afectado pelas minas terrestres, ocupando o lugar cimeiro no concernente ao número de vítimas e áreas suspeitas ou minadas (ver quadro 3 sobre a situação das minas na província de Maputo). Portanto, no nosso local de estudo, a dimensão da problemática das minas, enquadra-se no agrupamento das seis classes feitas por Enrique Portillo, que reflectem a realidade nacional:

1. *Perímetros de protecção de aglomerados*: perímetros de protecção bem delineados, bem como outras áreas minadas a volta de aldeias e vilas (sedes de distrito ou postos administrativos, localidades importantes ou outro tipo de aglomerados populacionais).

2. *Vias de circulação*: Estradas ou secções de estradas onde não existe circulação de veículos e secções ou troço de estradas consideradas minadas, onde a circulação de veículos continua mediante o uso de desvios e linhas férreas.

3. *Unidades económicas importantes*: Perímetro de defesa de instalações, infra-estrutura e unidades de produção, bem como áreas minadas para impedir a reabilitação de unidades económicas alvo de sabotagem.

4. *Unidades sócio-económicas locais*: Áreas minadas em torno de infra-estruturas sociais e de outro tipo a nível local, incluindo a presença de minas no interior de aldeias, pequenos aglomerados populacionais ou pontos de prestação de serviços.

5. *Locais de grande movimentação da população*: Caminhos e trilhos, infra-estruturas sociais e de outro tipo, dispersas ou em locais afastados e sítios onde existiram bases permanentes ou acampamentos e posições militares temporárias em campo aberto.

6. *Outras áreas*: minas isoladas e áreas minadas, onde não existe movimentação de pessoas ou viaturas (Portillo.1995: 59).

Em Catuane, as áreas suspeitas ou minadas, são classificadas como antigas instalações militares, proximidade dos caminhos e estradas, e proximidades das fontes de água. As áreas suspeitas ou minadas, inclui também, a própria sede do Posto, infra-estruturas agro-pecuárias (Manhangane) e a volta das aldeias (Mahau e Catuane- sede) - que serviam de protecção dos ataques da Renamo. Em Catuane, embora a maioria das zonas minadas ou suspeitas, não estejam sinalizadas - sinais sobre o perigo de minas ou vedações que indiquem que a área está contaminada - as comunidades conhecem os locais potencialmente perigosos "*A minha mãe costuma dizer para não andarmos naquela zona do partido, lá em baixo no mato perto do hospital, ali onde tem uma loja, e naquele mato atrás da casa do administrador*"¹⁸. "*Na zona de Tinguluvine as pessoas conhecem os sítios onde pode circular. Entram no mato com cuidado*"¹⁹. Ainda em relação as minas, os povoados não apresentam o mesmo grau de

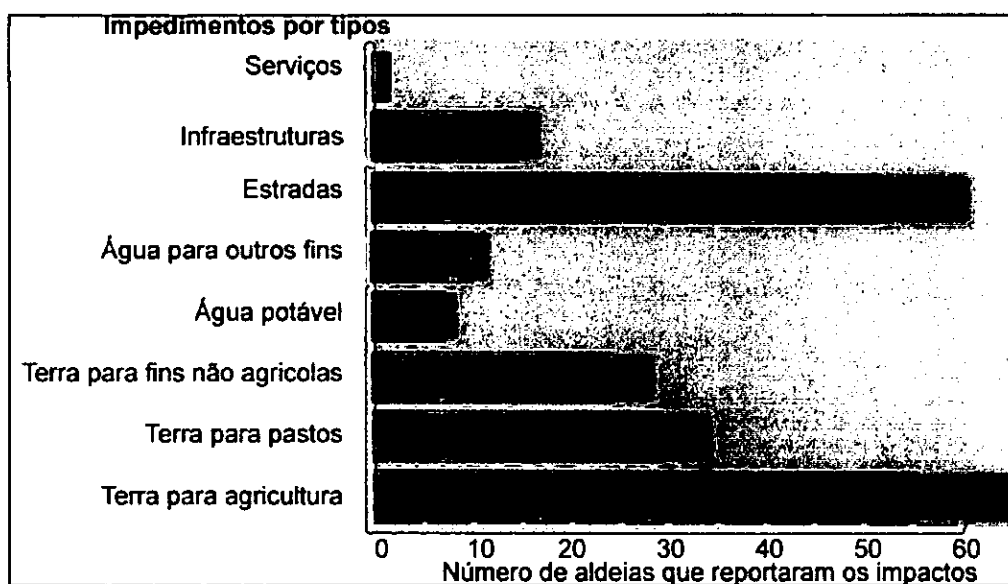
¹⁸ Júlio Doce, Filipe: entrevista, Catuane-sede, 14-05-2003.

¹⁹ Augusto, Carlos: entrevista, Tchutcha, 10-06-2003.

contaminação. Uma são mais afectadas por minas que outras. Os principais engenhos explosivos encontrados são minas anti-pessoais, uxo's, maioritariamente de fabrico soviético (ver quadro 4: Dados estatísticos das minas e desminagem em Catuane).

De acordo com o IND, o impacto das minas, na província de Maputo, em termos de impedimento de acesso aos recursos, afectam principalmente a agricultura- terras para o cultivo, terras para pastagem e terras para fins não agrícolas, usadas para a caça, recolha de alimentos silvestres, plantas medicinais, lenha e corte de materiais de construção, (IND/LOIS.2001:3);

Fig4: Tipos de impedimentos causados pelas Minas



Fonte: (IND/LOIS.2001:5).

E o Posto Administrativo de Catuane não é uma excepção. As comunidades coabitam com essas minas que, não só constituem um perigo para as suas vidas, mas também provocam constrangimentos nas suas actividades, visto que a maior parte da população é rural e dedica-se fundamentalmente à prática da agricultura, pecuária, caça, recolha de alimentos silvestres, pesca, preparação de carvão e corte de materiais de construção (estacas, capim, lalalaca). “ *O Meu dia a dia é ir a machamba, cultivar canas e bananas. A tarde, arranjar lalalaca ou tratar dos animais*”²⁰. “ *Eu ajudo na machamba do meu pai, e nas tardes vou arranjar lenha para preparar carvão*”²¹. “ *O meu dia a dia é ir a machamba, depois vou*

²⁰ Tembe, António Francisco: entrevista, Manhica, 17-05-2003.

²¹ Jacinto, Luis: entrevista, Mahau, 09-06-2003.

a pesca"²². " Entro no mato com medo das minas, mas por causa da fome tem que entrar para procurar qualquer coisa para comer"²³. "As minas batem principalmente os homens, são esses que andam sempre no mato, para caçar, cortar estacas, lalalaca e capim"²⁴.

Esta realidade rodeada pela presença objectiva de minas e suas consequências, (constrangimentos nas actividades quotidianas e vitimas que produz) ela é construída/representada socialmente, partindo do conhecimento/interpretação do acervo cultural das próprias comunidades, e da influência dos agentes externos (Ong's/Estado) que detêm o conhecimento sobre as minas e fazem passá-la às comunidades através das campanhas de educação e sensibilização, para além propriamente da execução dos trabalhos de desminagem. É deste modo, que o estado através do IND, criou um Programa de Educação para a Prevenção de Acidentes causados por Minas (PEPAM), que se materializa através de um conjunto de actividades de curto e médio prazos, e que funcionam como instrumentos de prevenção de acidentes até que a ameaça - das minas- seja retirada (desminagem). Segundo o PEPAM, essas actividades consistem na informação e sensibilização das populações em regiões de risco sobre o perigo que as minas representam, educando-as a encontrarem soluções adaptáveis (evitar o perigo), na sua vida quotidiana (IND/PEPAM.2001:7)²⁵.

Os actores do PEPAM, são todas as instituições que tomam parte nas acções de educação das populações. Em Catuane, além do IND que realizou campanhas de educação e sensibilização; outros organismos como o PAD, a Helvetas e a Handicap Internacional também as fizeram de acordo com o seu PEPAM. Por exemplo, o PEPAM da HI no Posto Administrativo de Catuane, está virado ao problema das minas no sector da educação. Segundo esta organização, este sector como outros ressentem-se dos efeitos negativos que as minas e outros engenhos explosivos representam para as comunidades que vivem em regiões de risco. A HI, avalia o grau desta problemática na educação, a partir do número de escolas, o acesso à escolas obstruídos devido a existência de minas e, pelo número de vítimas de minas em idade escolar (HI/PEPAM.2001:4). O PEPAM da HI, é de desenvolver dentro do sistema da

²² Ndjovo, Kofeni: entrevista, Tchutcha, 10-06-2003.

²³ Tembe, Samuel: entrevista, Mahau, 09-06-2003.

²⁴ Cumalo, Tulane: entrevista, Pazmane, 12-05-2003.

²⁵ O PEPAM tem como objectivos: Contribuir para reduzir o risco de acidentes causados por minas e outros engenhos explosivos, informando/educando as populações sobre como identificar o problema e como comportar-se diante dele. Contribuir para um melhor conhecimento da problemática minas através de um sistema de recolha e de difusão de informação que se estende desde as comunidades afectadas até aos órgãos centrais de planificação de actividades de desenvolvimento económico, social e de desminagem. (IND/PEPAM.2001:7).

educação escolar, uma componente da educação, para a prevenção dos acidentes causados por minas e outros engenhos explosivos nos programas escolares do nível básico.

Nesta realidade exposta a presença de minas, os actores sociais constróem diferentes imagens, ideias, e noções que tem um sentido e coerência, porque ela apresenta-se “como uma realidade interpretada pelos homens e subjectivamente dotada de sentidos para eles, na medida em que forma um mundo coerente” (Berger & Luckman. 1990:35). Esse mundo coerente do senso comum que contem várias interpretações da vida quotidiana, são admitidas como reais pelos actores sociais e transportam uma lógica de conhecimento sobre minas. “A realidade, é tomada como uma realidade certa pelos membros da comunidade, como um mundo que se origina no pensamento e na acção dos homens comuns, sendo afirmado como real para os mesmos” (Berger & Luckman. 1990:36). Em Catuane, essa realidade implica diversos prismas que se tem sobre ela, visto que varia de comunidade para comunidade e de indivíduo para indivíduo.

Quer dizer que a realidade é construída socialmente e a visão que se tem dessa realidade transporta a sua relatividade social. De acordo com Karl Mannheim, “nas situações particulares da actividade colectiva de que participam, os homens tendem sempre a ver diferentemente o mundo que os circunda” (Mannheim.1982:32). E, concomitantemente, nesse mundo vivido e representado das minas, as comunidades também traçam estratégias que se adequam a sua situação presente. Daí, a pergunta de partida de orientação deste trabalho: *Como as comunidades constróem /representam o problema das minas, e de que forma se traduz em acções concretas dos actores sociais.*

2.3 Objectivos

1. *Captar num contexto local (Catuane) as imagens, ideias e noções (representações) que os actores sociais têm sobre as minas nas suas comunidades;*
2. *Compreender de que forma é que as minas afectam o funcionamento da vida social nas comunidades;*
3. *Analisar como operacionalizam essa construção/representação em estratégias para conviver e resolver o problema das minas;*

2.4 Hipóteses

- 1- *As minas constituem um problema/ameaça ao funcionamento da vida das comunidades.*
- 2- *A representação sobre as minas, produz e determina o pensamento e o comportamento das comunidades (actores), que se traduz em estratégias para fazer face ao problema.*
- 3- *A realidade das minas nas comunidades é construída e representada, em função dos constrangimentos que provocam nas actividades quotidianas que do perigo e ameaça que estas representam para as suas vidas.*
- 4- *As campanhas de sensibilização, por vezes, não têm dado os resultados a que se propõe alcançar.*

2.5 Metodologia de Pesquisa

2.5.1 O Modelo de Análise

Para este trabalho de pesquisa, operacionalizou-se a variável: *Realidade social* construída pelas *comunidades* que detêm/constróem o *conhecimento/representações*, sofrem a influência nas suas actividades *sócio- económicas* e traçam *estratégias* para lidar com o problema das minas. No seu conjunto, estas dimensões condicionam a visão das minas e as acções concretas na vida dos actores sociais. E é através deste modelo, que guiou a construção do guião de entrevistas livres e semi-estruturadas, por forma a se ter o conjunto de informações para a recolha e o enquadramento analítico, para assim poder-se verificar a validade ou não das hipóteses da pesquisa.

2.5.2 Delimitação do campo de análise

Tendo em conta que este é um estudo de caso, o trabalho empírico que se propôs fazer sobre a problemática de minas nas comunidades, foi no Distrito de Matutuine – província de Maputo, por este ser o Distrito que apresenta maior número de vítimas e áreas afectadas à nível da província. Especificamente, esta pesquisa teve como grupo alvo, as comunidades pertencentes ao Posto Administrativo de Catuane, quer sejam aquelas que convivem, quer aquelas que tenham convivido com o problema das minas.

2.5.3 As Fases da Pesquisa e os Procedimentos de Recolha e Tratamento de Dados.

A primeira fase, consistiu na elaboração do projecto de investigação – a constituição dos elementos teóricos – metodológicos e empíricos para a concretização da pesquisa.

A segunda, foi a revisão bibliográfica e entrevistas exploratórias com os actores sociais nas comunidades afectadas pelas minas, pesquisadores que de certa forma lidam e conhecem o tema proposto, e com responsáveis de algumas entidades ligadas à área de minas e desminagem (HI, PAD, IND e Necochamina).

A seguir, consistiu na colecta de informação para a sua posterior análise. As informações estavam viradas para o conhecimento da realidade (representações), a ser enquadrado na questão das minas, e por sua vez, as implicações que estas trazem e as estratégias encontradas para fazer face ao problema das minas.

Em relação as entrevistas, com questões abertas e semi-estruturadas, foram realizadas num universo de 41 entrevistados, abrangendo vários estratos sociais, e indivíduos com diferentes idades. As entrevistas foram realizadas em todos povoados da Localidade de Catuane, à excepção do povoado de Ncassane por falta de meio de transporte e logística. O processo de recolha de dados empíricos realizou-se no terreno, através das entrevistas livres e semi-estruturadas, e também por meio da observação participante, no concernente ao processo de desminagem em Catuane-Sede, levado a cabo pelo PAD.

O tratamento ou enquadramento analítico das informações, fez-se através da análise de conteúdo – embora esta seja agrupada em duas categorias: Métodos quantitativos e qualitativos (Quivy & Compenhautt. 1998:227). Neste trabalho, optou-se pela última variante, o método qualitativo.

3.0 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

3.1 Sobre a Existência de Minas em Catuane

Em Catuane, o problema das minas constitui um facto evidente. As minas estão distribuídas um pouco por todos os povoados, com maior incidência nos povoados de Mahau, Manhangane e Catuane-Sede. É no Posto Administrativo de Catuane que se encontra uma organização de desminagem (PAD), a proceder a desminagem no perímetro da sede do Posto. É igualmente esta organização, que executou trabalhos de desminagem em Mahau e Manhangane.

As minas existentes em Catuane, são resultantes da guerra que assolou este Posto a partir dos anos 84/85, quando começam as primeiras incursões da Renamo. A ideia que se tem nas comunidades, é de que os dois beligerantes contribuíram para a proliferação de minas nas suas zonas: *“As minas estão aqui em Tchutcha, devido a guerra entre a Frelimo e a Renamo. Os dois minaram os terrenos”²⁶*. *“Antes não tínhamos minas. As minas na sede do Posto foi a Frelimo, e lá fora no mato foi a Renamo.”²⁷* No entanto, a grande responsabilidade pelas minas existentes, recai para as tropas governamentais, *“A maior parte das minas em Catuane foram colocadas pelas tropas do governo, a Renamo não tinha capacidade de colocar tantas minas”²⁸* pois estas, estabeleceram quartéis e postos avançados na localidade de Catuane, com o objectivo de proteger a fronteira com (África de Sul e Suazilândia) e das incursões da Renamo, provenientes da sua base de Maduvula. Era a partir desta base, que a Renamo estendia os seus ataques à todas as localidades de Matutuine, prolongando-se por vezes até Boane.

As minas foram usadas pelas forças governamentais, para proteger dos ataques da Renamo, aos quartéis e postos avançados, bem como às comunidades sob o seu controlo. O depoimento dos camponeses, e do chefe da secretaria do Posto de Catuane, é ilustrativo: *“Em Mahau, as minas serviam para nos proteger. A nossa aldeia foi minada pela Frelimo para nos defender da Renamo. Eles sempre vinham atacar- nos aqui”*. *“as minas serviam para proteger a população. Aqui havia um quartel dos soldados da Frelimo”²⁹*. *“Aqui as minas ao redor do Posto de Catuane, foram colocadas pelas forças*

²⁶ Tanque, Agostinho: entrevista, Tchutcha, 10-06-2003.

²⁷ Catuane, Jonas: entrevista, Guamanda, 16-05-2003.

²⁸ Chongo, Graça: entrevista, Maputo, 22-07-2003.

²⁹ Namburete, Francisco e Tembe, Samuel: entrevista, Mahau, 08-07-2003.

*governamentais, para servir de alerta da Renamo, que vinham atacar constantemente provenientes da sua base de Maduvula*³⁰

Os engenhos explosivos que existem fora das aldeias em Catuane, são igualmente imputados à responsabilidade de ambas as forças. São apontadas as patrulhas militares governamentais que minavam nos presumíveis locais onde os insurgentes podiam fazer-se presentes: caminhos, trilhos, poços, algumas áreas nas proximidades das lagoas. *“Era a guerra. Minava-se em todos lados; trilhos, árvores frondosas de sombra e de frutas, onde houvesse água, nas margens dos lagos, poços etc.”*³¹. *“Aqui em baixo na lagoa (Mitiquine), algumas partes estavam minadas pela FPLM, para evitar a Renamo beber água.”*³² Enquanto que as forças da Renamo são responsabilizadas pelas minas colocadas nas estradas e caminhos, para dificultar a sua perseguição, e à volta das suas bases com o objectivo de impedir que as populações sob o seu controle, fugissem das suas zonas de influência.

3.2 As Campanhas de Educação e Sensibilização

As campanhas de sensibilização visam informar e educar as comunidades em regiões de risco, sobre o perigo que as minas representam, educando-as a encontrarem soluções adaptáveis (evitar o perigo) na sua vida quotidiana (IND/PEPAM.2001:7). Em Catuane, a maior parte das campanhas de educação e sensibilização foram realizadas por diferentes instituições (IND, Helvetas, PAD, HI, ACNUR), sobretudo nos primeiros anos após o AGP, quando as populações refugiadas nos países vizinhos, retornaram em massa à sua terra após o conflito. *“Falava-se de minas nas reuniões, mas isso foi há muito tempo. Nessas reuniões que eram feitas em Catuane, quem falava de minas eram chefes, pessoas grandes, que vinham de fora (Maputo)”*³³. Nessa época os acidentes com minas eram frequentes, visto que as comunidades desconheciam a real dimensão do problema. *“Eram pessoas que não conheciam bem a situação, pessoas que tinham ido à Suazilândia e África de sul e voltaram depois da guerra”*³⁴. A HI por exemplo, para minimizar os riscos de acidentes desenvolveu o seu PEPAM, dentro do sistema de educação escolar de nível básico (manuais para os professores nas EP1) para a sensibilização sobre minas, o qual, em Catuane, não chegou ao seu término, tendo findado em 1999.

³⁰ Jansse, José Agero: entrevista, Catuane-sede, 12-05-2003.

³¹ Chongo, Graça: entrevista, Maputo, 22-07-2003.

³² Damão, Valgy: entrevista, Pazmane, 12-05-2003.

³³ Munguenha, Zindava: entrevista, Ndlala, 11-06-2003.

³⁴ Namburete, Francisco: entrevista, Mahau, 08-06-2003.

A sensibilização sobre minas na localidade de Catuane, realizada pelas autoridades locais, igualmente foi feita nos primeiros anos e nem sempre de forma contínua. *“Antigamente falava-se sobre o perigo das minas (o secretário, assim como a administração) agora não falam nada sobre minas”*³⁵. *“Antes o secretário do bairro falava sobre minas, agora não”*³⁶. Por isso, essa falta de consistência nas mensagens sobre minas traduz-se actualmente num conhecimento difuso. Através das representações feitas pelas comunidades, constata-se que as campanhas de sensibilização realizadas pelas diferentes instituições, visando difundir um melhor conhecimento do problema das minas junto das comunidades afectadas, nem sempre alcançaram o objectivo desejado. O conhecimento sobre as minas em Catuane continua precário.

3.3 As Representações Sobre as Minas.

Em Catuane, em resultado da sua própria experiência e das mensagens veiculadas pelas campanhas, as comunidades representam de várias formas as minas terrestres. Existem diferentes ideias, imagens e noções, que variam de indivíduo para indivíduo, de comunidade para comunidade. Fundamentalmente, encontramos as seguintes categorizações das representações à volta das minas:

Minas fatais. Aquelas minas que põem em perigo a vida das populações. Embora colocadas para fins militares – com o objectivo de vitimar os combatentes durante a guerra – esses engenhos explosivos continuam a causar vítimas e a dificultar a vida das comunidades. Essas minas são percebidas como aquelas que matam e mutilam, quando são accionadas por pessoas ou animais (gado bovino e caprino). A morte produzida por minas, é por vezes dramática, como nos relata um estudante do EP1: *“só sei que matam quando são pisadas. Dizem que a mina ao explodir, tira as pernas, as mãos, a cabeça, esmaga todo o corpo, depois a pessoa morre, sangrando.”*³⁷ Ou *“Dentro da mina tem estilhaços e veneno; quando rebentam os estilhaços ferem ou matam. O veneno também contribui para matar. É por causa desse veneno que quando a pessoa se fere com mina, provoca sede, pede água para beber, se você dar a pessoa já se foi”*³⁸

³⁵ Tembe, Mucholo: entrevista, Manhica, 17-06-2003.

³⁶ Bié, António: entrevista, Zicale, 15-05-2003.

³⁷ Júlio Doce, Filipe: entrevista, Catuane-sede, 14-05-2003.

³⁸ Ngwenha, Ndikale: entrevista, Mabondwene, 12-06-2003.

Minas desconhecidas. Os actores sociais, ouvem falar vagamente delas, ou em casos extremos, é um objecto totalmente desconhecido. *"Não sei o que é mina, não tenho ideia o que é uma mina". "não temos binóculos para ver as minas, estas não ficam fora, dizem que ficam enterradas no chão"*³⁹. *"Minas não sei o que são. Só oiço as pessoas dizerem que são ferros espalhados no caminho. Matam quando a pessoa chegar perto"*⁴⁰. *" Não sei o que são minas, nunca ouvi falar delas. Ainda não ensinaram na escola"*⁴¹.

Minas das enfermidades. São consideradas aquelas minas que podem causar diversas doenças nas comunidades. Ao explodirem, libertam gases e poeiras que quando inaladas pelas vítimas ou arrastadas pelas águas das chuvas até as lagoas, provocam diversas enfermidades, que podem conduzir a morte ou deficiências físicas. *" As minas são armas que quando explodem aquela sujidade: gaz, fumo e poeira asfixiam a pessoa e morre. Também aquele gás e poeira fica na terra e quando chove são arrastados para a lagoa Mitiquine, onde bebemos água. Quando a pessoa bebe essa água contaminada apanha doenças: diarreia e tosse que estraga os pulmões (tuberculose)"*⁴². A representação dum pastor da igreja de Manhica e dum camponês de Mahau, também é elucidativo: *" O fumo das minas quando explode é perigoso. A pessoa ao respirar morre asfixiada. Se não morrer logo, provoca uma doença; tuberculose, que acaba por matar, tarde ou cedo."*⁴³ *"Quando uma pessoa pisa (mina), faz muito barulho, mata por causa de estilhaços. Mas aquelas pessoas que estiverem perto ficam surdas de vez, se com sorte voltarem a ouvir, não vão ouvir bem"*⁴⁴.

Minas objectos- chamariz. São minas representadas como objectos de uso na vida quotidiana dos actores sociais. Variam de tamanho e beleza, e funcionam ao mesmo tempo como um chamariz para provocar aos incautos, ferimentos ou a morte. Por isso, os objectos que se assemelham ao material escolar, canetas, lápis ou afiador, à garrafas de plástico escuro, ou latas de baygon, ou objectos do tipo rádios, pilhas ou chaleira expostos no mato, são susceptíveis de desconfiança, porque representam uma armadilha. Alguns exemplos são paradigmáticos destas imagens das comunidades de transformar as minas desconhecidas em minas conhecidas: *"A mina é um ferro comprido que sai da terra*

³⁹ Bié, António: entrevista, Zicale, 15-05-2003.

⁴⁰ N'vuvu, Jacinto: entrevista, Guamanda, 15-05-2003.

⁴¹ Savar, Marta Tatine : entrevista, Zicale, 13-05-2003.

⁴² Catuane, Jonas : entrevista, Guamanda, 16-05-2003.

⁴³ Tembe, Eliasse: entrevista, Manhica, 17-05-2003.

⁴⁴ Jacinto, Luis: entrevista, Mahau, 09-06-2003.

*verticalmente, com um fio na ponta*⁴⁵. *“Uma mina parece um ananás pequeno, ou latas de baygon com um fio”*⁴⁶. *“As minas são coisas bonitas. Parecem canetas bonitas ou chaleiras”*⁴⁷. *“ Quando estás no mato se veres uma coisa tipo rádio ou pilhas, se você tocar aquilo explode e mata”*⁴⁸. *“Meu pai costuma dizer que quando estiver no mato, se ver uma coisa bonita não pode apanhar; coisas bonitas como lápis, caneta, afiador, podem matar.”*⁴⁹ *“Mina parece uma garrafa escura de plástico que fere ou mata ao apanhar”*⁵⁰.

3.4 Das Representações à Realidade: A Influência das Minas na Vida das Comunidades

No Posto Administrativo de Catuane, as comunidades convivem no seu dia a dia com estes engenhos explosivos. As populações são maioritariamente carenciadas, e dedicam-se fundamentalmente à agricultura e a pastorícia. Além do problema das vítimas que as minas provocam - embora nos últimos anos os números tendem a decrescer - elas condicionam o funcionamento da vida das comunidades. *“andamos sempre com mina na cabeça, temos medo. Uma coisa que mata, mata. Não se habitua”*⁵¹. O problema das minas em Catuane, talvez não seja numérico, mas deve ser visto na perspectiva espacial de Portillo, ao constituírem um constrangimento em termos de (áreas minadas). A situação de Catuane mostra que não houve uma lógica militar na colocação de minas. Os espaços minados estão todavia longe de serem clarificados na sua totalidade – pelo menos a curto e médio prazos. Apesar de existirem algumas áreas conhecidas pelas populações, incluindo algumas que foram desminadas (Mahau, Manhangane) ou estão em processo de desminagem (a Sede do Posto Administrativo), as minas não deixam de constituir uma realidade presente, que dificultam a vida das comunidades.

Em relação à agricultura, que é a base fundamental das populações, há receios de minas, sobretudo, quando são abertas novas clareiras para a prática da mesma, porque geralmente são novas áreas e não garantem segurança até que elas sejam efectivamente usadas. As machambas existentes não constituem problema porque estão localizadas em áreas que as populações tem conhecimento da não existência de minas. No entanto, em Catuane, a prática da agricultura é afectada naquelas zonas onde se localizavam

⁴⁵ Jacinto, Luís: entrevista, Mahau, 09-06-2003.

⁴⁶ Ngwenha, Ndikale: entrevista, Mabondwene, 12-06-2003.

⁴⁷ Sebastião, Semeão: entrevista, Manhangane, 13-06-2003.

⁴⁸ Tanque, Agostinho : entrevista, Tchutcha, 10-06-2003.

⁴⁹ Valoi, Elias B. Moisés: entrevista, Zicale, 13-05-2003.

⁵⁰ Manhangane, Maguideguide : entrevista, Manhangane, 13-06-2003.

⁵¹ Augusto, Carlos : entrevista, Tchutcha, 10-06-2003.

os antigos quartéis ou postos avançados militares (Mahau, Mahangane e a Sede do Posto). “*Em relação as machambas, as populações só têm medo quando querem abrir novas machambas. Mas, geralmente, cultivamos longe onde sabemos que não há problemas de minas*”⁵², “*A actividade mais afectada é a agricultura, quando as pessoas querem derrubar árvores para abrir novas machambas*”⁵³. “*Quando vou a machamba não tenho medo porque aqui em Mahau desminaram no ano passado*”⁵⁴.

A pastorícia é outra das actividades afectadas. A procura de melhor pastagem exige a deslocação permanente dos animais (gado bovino e caprino) nas matas, possibilitando assim, a ocorrência de acidentes com minas. “*Conheci uma vitima de mina. Uma criança que accionou uma mina na pastagem de cabritos. Sorte dele, tirou-lhe só os dedos das mãos*”⁵⁵. “*As pessoas não podem trabalhar devidamente. A agricultura é a que mais sofre secundada pela pecuária*”⁵⁶. “*O que eu sei é que as pessoas tem mais receio de minas quando vão a procura de lenha, pastar bois e cabritos*”⁵⁷. “*Os que pastam animais (bois e cabritos), são os que têm maior probabilidade de accionar minas, porque pastam de qualquer maneira*”⁵⁸.

O corte de estacas, lalalaca, capim, lenha, a preparação do carvão e a caça, constituem actividades de maior risco para as comunidades, por serem aquelas que exigem que os indivíduos cada vez mais penetrem nas matas e bosques adentro, devido ao desflorestamento resultante do abate intensivo de árvores, para a lenha caseira ou de comercialização e a preparação do carvão. Estas últimas actividades, não são só realizadas pelos nativos mas também por indivíduos provenientes de outros lugares. “*Quando vou a machamba não tenho medo, só quando entro no mato para apanhar lenha, tenho medo, porque lá passaram os soldados e deixaram minas quando estavam a lutar*”⁵⁹. “*Há muitas minas espalhadas. quando vamos a caça, cortar capim, lalalaca, lenha, temos medo das minas*”⁶⁰. “*As minas principalmente batem os homens. São esses que andam muito no mato para caçar, cortar estacas lalalaca e capim*”⁶¹. “*As minas atacam mais as pessoas quando vão apanhar lenha, cortar estacas,*

⁵² Cumalo, Gogodwana: entrevista, Manhica, 12-05-2003.

⁵³ Madjaia, Jorge: entrevista, Maduvula, 15-05-2003.

⁵⁴ Jacinto, Luis: entrevista, Mahau, 09-06-2003.

⁵⁵ Tanque, Agostinho : entrevista, Tchutcha, 10-06-2003.

⁵⁶ Zuca, João: entrevista, Catuane-sede, 12-06-2003.

⁵⁷ Catuane, Jonas : entrevista, Guamanda, 16-05-2003.

⁵⁸ Bié, António: entrevista, Zicale, 15-05-2003.

⁵⁹ Timbane, Maria: entrevista, Manhica, 17-05-2003.

⁶⁰ Tembe, António Francisco: entrevista, Manhica, 17-05-2003.

⁶¹ Cumalo, Tuluane: entrevista, Pazmane, 12-05-2003.

capim ou quando buscam novas áreas para o cultivo".⁶² " *Quando vamos cortar lenha, lacialaca ou preparar carvão, sempre temos receio. Uma zona onde houve guerra, não se pode confiar*"⁶³. " *As pessoas tem muito receio quando andam no mato, porque a qualquer momento podem ser atacadas com minas*"⁶⁴.

Em Catuane, as actividades como a busca de agua, geralmente nos poços, nas lagoas, e nos rios, ou o trânsito entre os povoados, não são muito afectadas pelas minas, porque entre as comunidades passam-se informação dos locais potencialmente perigosos - embora não estejam sinalizados - e movimentam-se pelos locais que oferecem menores riscos de accionar uma mina. " *Quando vou à escola não ando fora dos caminhos com medo de pisar minas*"⁶⁵. " *Os sítios minados são conhecidos, não tem influência na vida das populações*"⁶⁶.

3.5 Estratégias das Comunidades Face ao Problema das Minas

Conquanto as minas sejam idealizadas, imaginadas de várias maneiras, um sector vasto das comunidades de Catuane, tem consciência do perigo que elas constituem. Porque fazem ligação da existência desses engenhos explosivos, intrinsecamente ligada com a guerra que assolou a sua localidade, a existência de vítimas dentro das suas comunidades e em pequena escala, pelas campanhas de sensibilização realizadas pelas autoridades locais, ONG's, e sobretudo as realizadas nas fronteiras pela ACNUR aquando do seu retorno a Catuane. Assim, as minas constituindo um perigo de vida (*perigo de morte, ferimento ou enfermidades*), coabitando no espaço quotidiano das comunidades, várias estratégias são postas em prática para minimizar os seus efeitos:

O contorno das zonas ou áreas suspeitas ou minadas. As comunidades realizam as suas actividades tendo presente o conhecimento que detêm sobre as (prováveis) áreas suspeitas ou minadas. " *As pessoas conhecem os lugares perigosos...esse lugar aqui não pode ir ...aqui pode-se passar sem problemas*"⁶⁷;

⁶² Tembe, Eliasse: entrevista, Manhica, 17-05-2003.

⁶³ Rafael, Inácio: entrevista, Manhangane, 08-06-2003.

⁶⁴ Catuane, Jonas : entrevista, Guamanda, 16-05-2003

⁶⁵ Júlio Doce, Filipe: entrevista, Catuane-sede, 14-05-2003.

⁶⁶ Rank, Luis: entrevista, Maduvula II, 15-05-2003.

⁶⁷ Cumalo, Tuluane: entrevista, Pazmane, 12-05-2003.

"Aqui em Tchutcha, conhecemos as zonas"⁶⁸. "Cultivamos longe onde sabemos que não há problemas de minas"⁶⁹. "Na zona de Tinguluvine as pessoas conhecem as zonas onde pode circular"⁷⁰

A consciência e consciencialização na sinalização dos locais suspeitos ou descobertos engenhos explosivos. *"Quando encontramos minas, pusemos sinal com ramos de árvore de preferência xihoho, que tem muitos picos - que nem boi nem cabrito pisam- para as pessoas saberem"⁷¹; "Quando desconfiamos dum objecto estranho no mato ou na machamba, vamos informar na Administração de Catuane para virem explodir. Nesse local pomos sinal com ramos de árvore e informamos as pessoas que no lugar x cuidado."⁷²*

A intercomunicação sobre os locais perigosos, susceptíveis de causar acidentes. *"Nós avisamos sempre que aparece alguém que é novo na comunidade. Dizemos na comunidade, para informar aos seus visitantes- hóspedes, os lugares perigosos, onde num descuido, podem accionar minas"⁷³; "onde há minas as pessoas passam-se informação entre as famílias, para saberem"⁷⁴.*

⁶⁸ Ndjovo, Kofeni: entrevista, Tchutcha, 10-06-2003.

⁶⁹ Cumalo, Gogodwana: entrevista, Manhica, 12-05-2003.

⁷⁰ Augusto, Carlos: entrevista, Tchutcha, 10-06-2003.

⁷¹ Augusto, Carlos: entrevista, Tchutcha, 10-06-2003.

⁷² Manhangane, Maguideguide : entrevista, Manhangane, 13-06-2003.

⁷³ Cumalo, Gogodwana: entrevista, Manhica, 12-05-2003.

⁷⁴ Munguenha, Zindava: entrevista, Ndlala, 11-06-2003.

4.0 FONTES

4.1 Bibliografia

1. Adam, Yussuf. *Guerra, Fome, Seca e Desenvolvimento. Lições de Changara, Moçambique*, "In Boletim do AHM n.10", Maputo, Outubro, 1991.
2. Arriaga, Kaulza de. *Guerra e política: Em nome da verdade, os anos decisivos*, Lisboa: Edições Referendo, 1987.
3. Berger, Peter & Luckman. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1990.
4. Borges Coelho, J. Paulo. *Trinta Anos de Guerras e Minas em Moçambique*. "In Moçambique Desminagem e Desenvolvimento", Maputo: AHM, 1995.
5. Borges Coelho, J. Paulo. *Minas – Alguns Problemas e Direcções de Pesquisa*. "In Minas e Desminagem em Moçambique". Actas do seminário sobre o Impacto Sócio-Cultural e Económico das Minas e da Desminagem em Moçambique". Maputo: ARPAC, 2000.
6. Buque, Sansão António. *Os Custos Sociais Culturais e Económicos das Minas Terrestres*. "In Minas e Desminagem em Moçambique. Actas do seminário sobre o Impacto Sócio-Cultural e Económico das Minas e da Desminagem em Moçambique". Maputo: ARPAC, 2000.
7. Chinoy, Ely. *Sociedade. Uma introdução a sociologia*. São Paulo: Editora Culturix, 1993.
8. Christopher, Claphan. *African Guerrillas*. London: Villiers Publications Ltd, 1998.
9. CICV. *Derecho Internacional Relativo a la Conducción de las Hostilidades. Compilación de convenios de la Haya y de algunos otros instrumentos jurídicos*. Ginebra: CICR Publicaciones, 1996.
10. CICV. *Derecho Internacional relativo a la conducción de las hostilidades*, Ginebra: CICR Publicaciones, 1990.
11. CICV. *Landmines must be stopped. Assistance to mine injured. Background information*, Genève, CICR, 1996.
12. CMCM. *4a Conferência Internacional das Ong's sobre minas*, realizada em Maputo de 25 à 28 de fevereiro de 1997.
13. Couloun, Alain. *Étnometodologia*. Petrópolis: Editora vozes, 1995.
14. Crespi, Franco. *Manual de Sociologia da Cultura*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.
15. Croll, Mike. *The History of Landmines*. Great Britain: Leo Cooper, 1998.

16. Culuane, Flávia dos Anjos. *A Educação Escolar Durante a Guerra Civil em Catuane-Matutuine (1984-1992)*. Maputo, UEM. 2003 (tese de Licenciatura em História).
17. Durkheim, Emile. *As Regras do Método Sociológico*. S. Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966, 4a Edição.
18. Galliano, Alfredo Guilherme. *Introdução a Sociologia*. S. Paulo: Editora Harbara Lda, 1986.
19. Garcia, Sebastião. *Desenvolvimento Comunitário. Princípios para a acção*. Brasil: Bloch Editores, 1987.
20. Gurvitch, Georges. *Proudhon*. São Paulo: Edições 70, 1983.
21. Gurvitch, Georges. *Tratado de Sociologia*, São Paulo: Martins Fontes Editora Lda, 1977.
22. Handicap Internacional. *O PEPAM no Sistema de Educação Formal, Capitalização*. Maputo, Julho de 2001.
23. Instituto Nacional de Desminagem. *PEPAM Normas e Procedimentos*. Maputo, Abril de 2001.
24. Landmine Monitor. *Toward a Mine-Free World. Executive Summary 2001*. Human Rights Watch, USA, August, 2001.
25. Laurie H. Boulden & Martin Edmonds. *The politics of Demining. Mine clearance In southern África*, South África: Edition SAIIA, 1999.
26. Mannheim, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 4a edição, 1982.
27. Marx, Karl & Engels. *A ideologia Alemã*. Porto: Editorial Presença, 1974.
28. Marx, Karl. *Sociedade e Mudanças sociais*. Lisboa: Edições 70, 2a Edição, 1976.
29. Mcgrath, Rae. *Landmines and Unexploded Ordnances*. Sterling, Virgínia, USA: Pluto Press, 2000.
30. Moscovici, Serge. *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
31. *Mozambique Landmine Impact Survey (MLIS)*. Relatório conjunto produzido pelo Instituto Nacional de Desminagem, Canadian Internacional Agency & Canadian International Demining Corps Paul F. Wilkinson & Associates Inc, Maputo, 2001.
32. O'Neill, Juan Brian. *Entre a sociologia rural e a Antropologia: Repensando a "Comunidade" Camponesa*. "In revista de análise social", Instituto de C. Sociais da Universidade de Lisboa n.103/104, 1990.
33. Pereira de Sá, Celso. *Representações sociais: o conceito e o estado actual da Teoria*. "In o Conhecimento no Quotidiano, Mary J. Spink (org.)". Brasil: Editora Brasiliense, 1989.

34. *Perfis de desenvolvimento Distrital. Distrito de Matutuine, Província de Maputo*, ACNUR/PNUD, Maputo, 1997.
35. Pina- Cabral, João de. *Filhos de Adão, Filhas de Eva. A visão do mundo camponesa no Alto Minho*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.
36. *Plano Distrital de Desenvolvimento do Distrito de Matutuine*, Maputo, 2002.
37. Portillo, Enrique. *A Definição e Dimensionamento do Problema das Minas em Moçambique*. "In Moçambique Desminagem e Desenvolvimento", Maputo, AHM, 1995.
38. Proudhon, Pierre. *A Nova Sociedade*. Porto: Edições Rés, (S/d).
39. Quivy & Campanhoudt. *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Portugal: Gradiva Publicações, 1998.
40. Relatório de Desempenho do Posto Administrativo de Catuane de 20-02-2003.
41. Simmel, Georg. *Introdução. Formalismo Sociológico e a Teoria do Conflito*. (Evaristo de Moraes Filho (Org.). S. Paulo: Ática Editora, 1983.
42. Taylor, Michael. *Community, Anarchy & Liberty*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
43. Vala, Jorge & Monteiro, Benedita. *Psicologia social. Representações sociais. Para uma psicologia social do pensamento Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
44. Vines, Alex e Borges Coelho, J.Paulo. *A Definição e Dimensionamento do Problema das Minas em Moçambique*. "In Moçambique Desminagem e Desenvolvimento", Maputo: AHM, 1995.

4.2 Entrevistas

1. Augusto, Carlos. 53 anos, casado, 9 filhos, Pescador, ex-soldado das FPLM. Povoado de Tchutchá. 10-06-2003.
2. Benesse, Angelo. 40 anos, casado, 2 filhos, empresário agro-pecuário – Catuane. 04-08-2003.
3. Bié, António. Desconhece a idade, casado, 5 filhos, camponês. Povoado de Zicale. 15-05-2003.
4. Catuane, Jonas. 57 anos, casado, 3 filhos. Secretário do Bairro de Guamanda. 16-05-2003.
5. Chongo, Graça Tomás (Major General). 49 anos, casado, 2 filhos. Inspector Geral das FADM. Ex-chefe do Estado Maior General das Tropas Guarda –Fronteiras em Matutuíne. 22-07-2003.
6. Cumalo, Gogodwana. 54 anos, casado, 6 filhos. Secretário do Bairro de Manhica. 12-05-2003.
7. Cumalo, Tulane. 23 anos, casado, 1 filho, camponês. Povoado de Pazmane. 12-05-2003.
8. Damão, Valgy. 53 anos, casado, 4 filhos, comerciante desde 1995 em Pazmane. 12-05-2003.
9. Jacinto, Luís. 17 anos, solteiro, s/filhos camponês. Povoado de Mahau. 09-06-2003.
10. Janasse, José Agero. 44 anos, casado, 4 filhos, Chefe da secretaria do Posto Administrativo de Catuane. 12-05-2003.
11. José Mazive. Alfredo 51 anos, casado, s/ filhos, curandeiro. Povoado de Zicale. 13-05-2003.
12. Jossias, Herculano. 32 anos, solteiro, 1 filho, Director do EP1 de Zicale. 13-05-2003.
13. Júlio Doce, Filipe. estudante, 13 anos, 5a classe, EP1 de Catuane. 14-05-2003.
14. Kwala, Mussila. 48 anos, casado, 12 filhos. Secretário do Bairro de Zicale. 14-05-2003.
15. Madjaia, Isaura. 21 anos, solteira, 1 filho, camponesa. Povoado de Pazmane. 12-05-2003.
16. Madjaia, Jorge. 45 anos, casado, 9 filhos, camponês/Pedreiro. Povoado de Maduvula. 15-05-2003.
17. Manhangane, Maguideguide. Desconhece a idade, casado, 6 filhos, régulo do Povoado de Manhangane. 13-06-2003.
18. Miguel, Luís. estudante, 12 anos, 4a classe, EP1 de Catuane. 14-05-2003.
19. Mosca, João. 30 anos, casado, 2 filhos, professor, EP1 de Zicale. 13-05-2003.
20. Mucavel, Mateus. Desconhece a idade, casado, 19 filhos, camponês /curandeiro. Povoado de Manhangane. 13-06-2003.

21. Mungwenha, Zindava. Desconhece a idade, casado, 10 filhos, camponês. Povoado de Ndlala. 11-06-2003.
22. N'vuvu, Jacinto. Desconhece a idade,(aparenta acima de 80 anos), casado, não tem filhos (morreram todos), camponês. Povoado de Guamanda. 15-05-2003.
23. Namburete, Francisco. Não conhece a idade, casado, s/filhos, camponês. Povoado de Mahau. 08-06-2003.
24. Ndjovo, Konfeni. Desconhece a idade, casado, 10 filhos, Camponês/pescador. Povoado de Tchutcha. 10-06-2003.
25. Ngwenha, Ndikale. 30 anos, casado, 6 filhos, camponês. Povoado de Mabondwene. 12-06-2003.
26. Ngwenha, Ndjilwako. 46 anos, casado, 7 filhos. Secretário do bairro de Mabondwene. 12-06-2003.
27. Novela, Simeão Sebastião. 12 anos, 4a classe, EP1 de Manhangane.13-06-2003.
28. Rafael, Inácio. 30 anos, casado, 3 filhos, camponês/carvoeiro. Povoado de Manhangane. 08-06-2003.
29. Rank, Luis. 52 anos, casado, 4 filhos, Secretário do Bairro Maduvula II. 15-05-2003.
30. Rioufol, Emmanuelle. casada, Directora Adjunta da Handicap Internacional em Moçambique. 08-05-2003.
31. Savar, Marta Tatine. Estudante,11anos, 3a classe, EP1 de Zicale. 13-05-2003.
32. Simbine, Afonso. 38 anos, casado, 4 filhos, Comandante da secção de desminagem TS1(Tango Sierra One) PAD, no Posto Administrativo de Catuane. 12-05-2003.
33. Tanque, Agostinho. 27 anos, solteiro, 3 filhos, socorrista/pescador. Povoado de Tchutcha. 10-06-2003.
34. Tembe, António Francisco. 32 anos, casado, 3 filhos, camponês. Povoado de Manhica. 17-05-2003.
35. Tembe, Eliasse. 34 anos, casado, 2 filhos, camponês e pastor da igreja 12 apóstolos. Povoado de Manhica. 17-05-2003.
36. Tembe, Mucholo. Desconhece a idade, casado, 11 filhos, camponês. Povoado de Manhica. 17-06-2003.
37. Tembe, Samuel. 43 anos, casado, 7 filhos, camponês. Povoado de Mahau. 09-06-2003.
38. Timbane, Maria. 36 anos, casada, 6 filhos, camponesa. Povoado de Manhica. 17-05-2003.

39. Valoi, Elias B. Moisés. estudante, 12 anos, 5a classe, EP1 de Zicale. 13-05-2003.
40. Zandamela, Lucas. 71 anos, casado, 6 filhos. Secretário do bairro de Manhangane. 13-06-2003.
41. Zuca, João. casado, 5 filhos, Chefe do Posto Administrativo de Catuane. 12-06-2003.

5.0 ANEXOS

5.1 Guião de Entrevistas Semi-estruturadas

A. (*homens, mulheres*)

1. Nome
2. Idade
3. Situação marital
4. Qual é o tamanho do agregado familiar?
5. Como organiza o trabalho doméstico (na vida quotidiana)?
6. Qual é a principal actividade que realiza?
7. Sabe da existência de minas na (zona)? Já ouviu falar de minas? Que tipo de minas existem?
8. O que entende por minas? O que são minas? Que ideias tem sobre minas?
9. Sabe dizer como as minas foram parar na vossa zona/comunidade? ou porque é que existem minas aqui na zona/comunidade?
10. Já acompanhou alguma vez da ocorrência de acidentes com minas?
11. Quem são geralmente as vítimas? homens, velhos, crianças, mulheres, animais domésticos ou mesmo selvagens?
12. O que pensa da presença de minas na vossa comunidade? Ou seja a presença de minas tem alguma influência (impacto) nas actividades quotidianas (do dia a dia)? Em quais actividades?
13. Se a existência de minas nas vossas comunidades constitui um perigo de vida, porque é que ainda continuam na zona – não mudam, para uma melhor segurança?
14. Que tipo de actividades são realizadas para informar a comunidade sobre o problema das minas?
15. Essas actividades são levadas a cabo por quem? Régulos/ chefes de grupos dinamizadores/ entidades de desminagem do governo ou estrangeiras?
16. O que é que as autoridades locais (Régulos/ chefes de grupos dinamizadores) fazem especificamente junto às comunidades, em relação ao problema das minas?
17. Como é que os actores sociais reagem nas comunidades, em relação as estratégias adoptadas pelas autoridades locais tradicionais?
18. Quais são as estratégias locais encontradas pelas comunidades, para fazer face ao perigo das minas?

B. (*Professores/alunos*)

1. Nome
2. Idade
3. Estuda? Aonde? Que classe?
4. Já ouviu falar de minas? Sabe o que são minas?
5. Os vossos pais, professores, avós ou outras pessoas falam-vos das minas?
6. Conhece as zonas onde têm minas?
7. Conhece alguém que tenha sido vítima das minas?
8. Quando vão a escola, ou realizam alguma actividade que implica afastar-se das casas têm receio de minas?
9. Nas aulas abordam o problema das minas?
10. Alguma vez tiveram campanhas de sensibilização? Quem as realizou e de que forma?

C. (Comerciantes)

1. Nome
2. Idade
3. Situação marital
4. Em que ramo de actividade exerce? Há quanto tempo na zona)?
5. Qual é a visão que tem sobre as minas?
6. De que maneira as minas afectam a sua actividade?
7. Alguma vez participou em alguma campanha de sensibilização sobre minas aqui na zona?
8. Já ouviu falar de acidentes com minas em relação à algum comerciante?
9. Já teve que modificar a sua estratégia de trabalho devido ao problema com minas?

D. (Autoridades Locais: régulos, grupos dinamizadores, chefes de terras, partidos e outros)

1. Nome
2. Idade
3. Cargo que desempenha
4. Sabe da existência de minas na região?
5. Como é explicada a existência de minas na zona?
6. Como é que vê o problema das minas na comunidade?
7. Sabe da existência de vítimas na comunidade?
8. Quais são as actividades mais afectadas devido ao problema das minas?
9. Que estratégias são usadas para fazer face ao problema das minas?
10. Na definição dessas estratégias recebem alguma orientação do estado, das ONG's ou tomam iniciativas autónomas?

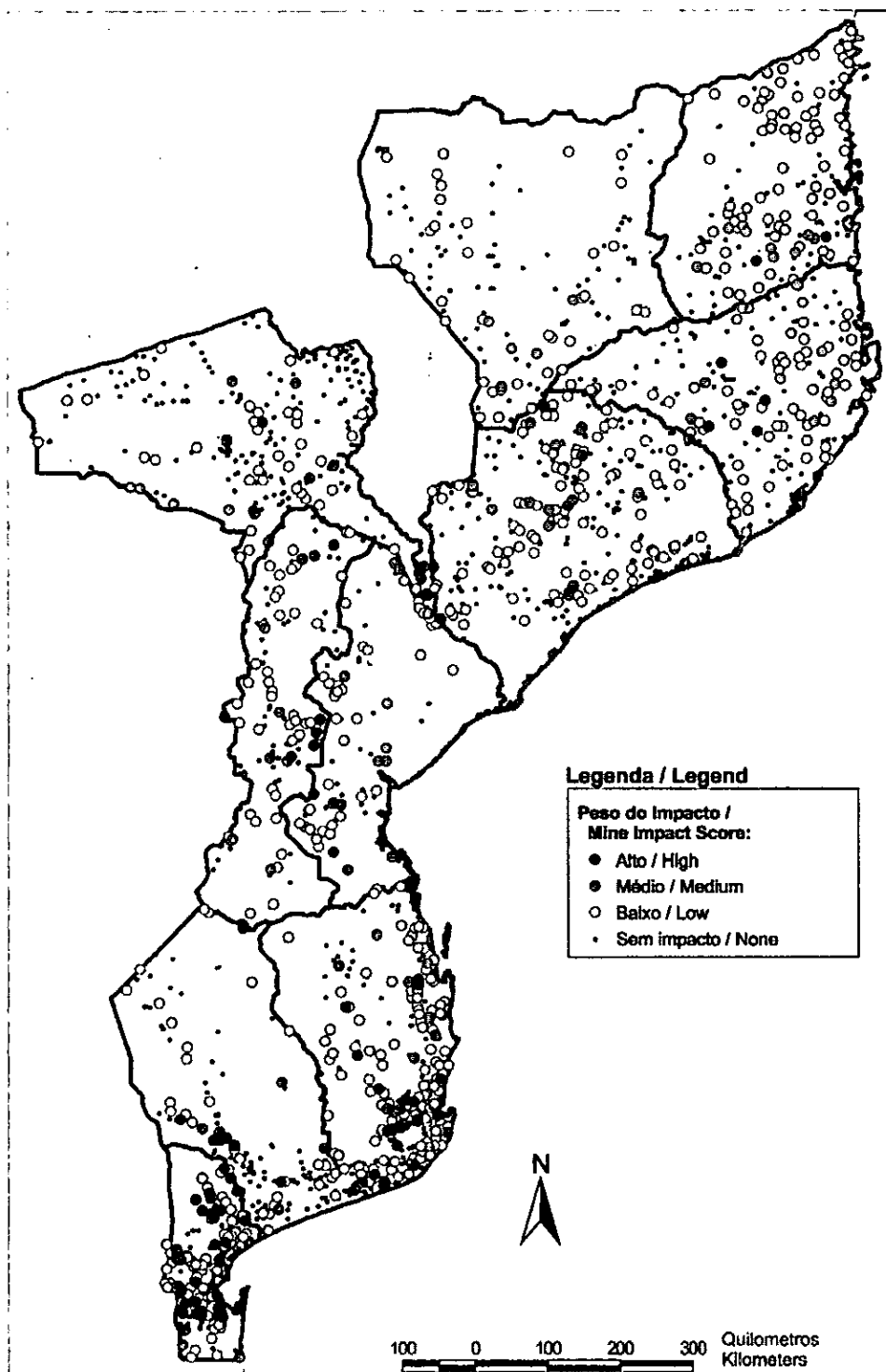
E. (IND e outras Instituições de Desminagem Nacionais ou Estrangeiras)

1. Qual é a visão que têm sobre as minas nas comunidades afectadas?
2. Que critérios usam para dimensionar/equacionar o problema das minas?
3. Além da desminagem propriamente dita, que outras estratégias são usadas para fazer face a questão das minas junto às comunidades?
4. As actividades desenvolvidas pelas (vossas) instituições, em que medida resolve o problema das minas nas áreas afectadas?
5. Como as comunidades têm-se envolvido (participação) no processo de desminagem?

F. (Empresários Agro-pecuários)

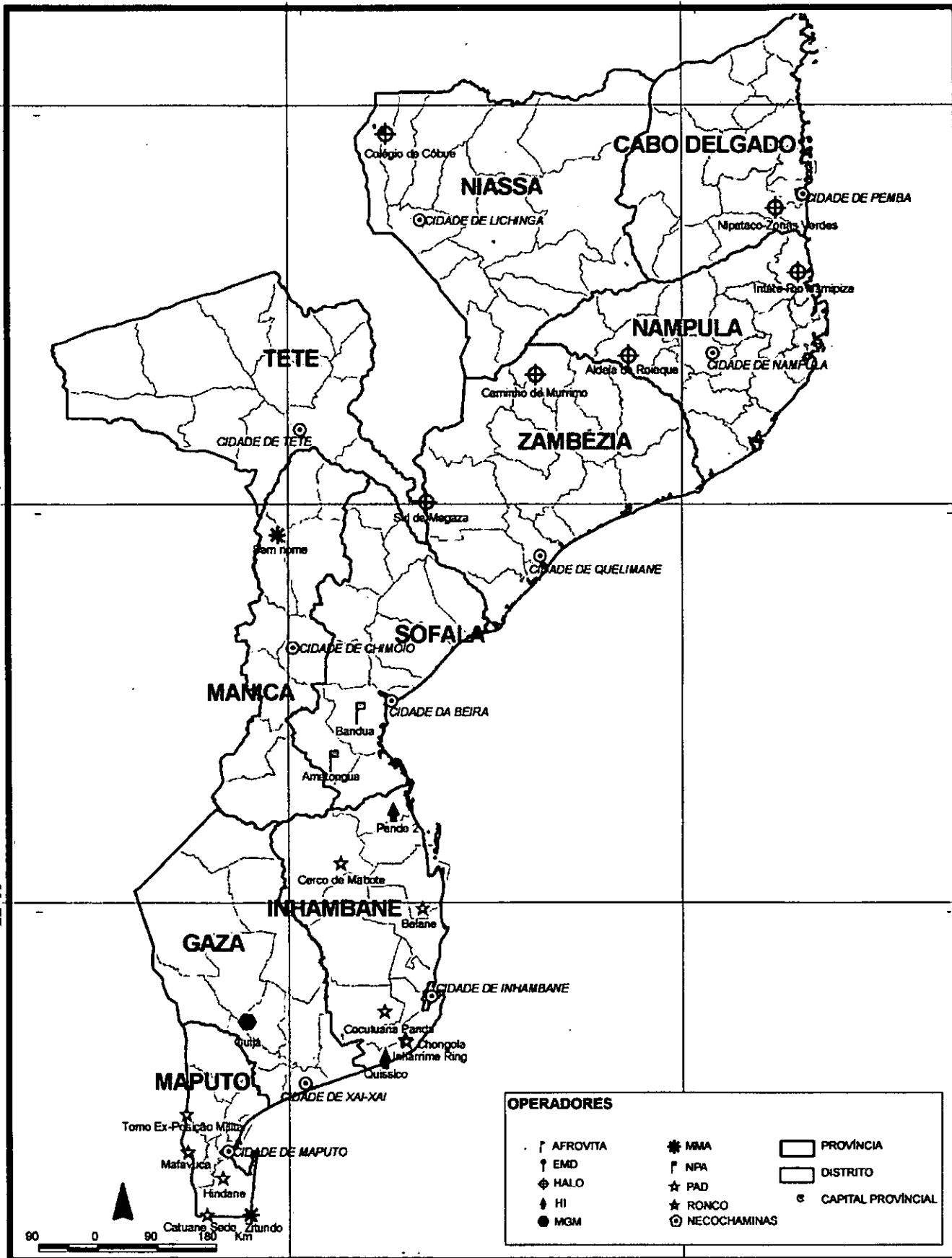
1. Nome
2. Idade
3. Situação marital
4. Que tipo de exploração realiza e qual o tamanho da área explorada?
5. Na área explorada já teve problemas com as minas? Se teve como resolveu?
6. Como explica a existência de minas na zona?
7. Já ouviu falar de vítimas em Catuane? Aonde?
8. Como é que vê o problema das minas na comunidade?
9. Assistiu alguma campanha de sensibilização sobre minas?

5.2 Mapa de Nível de Impacto das Minas



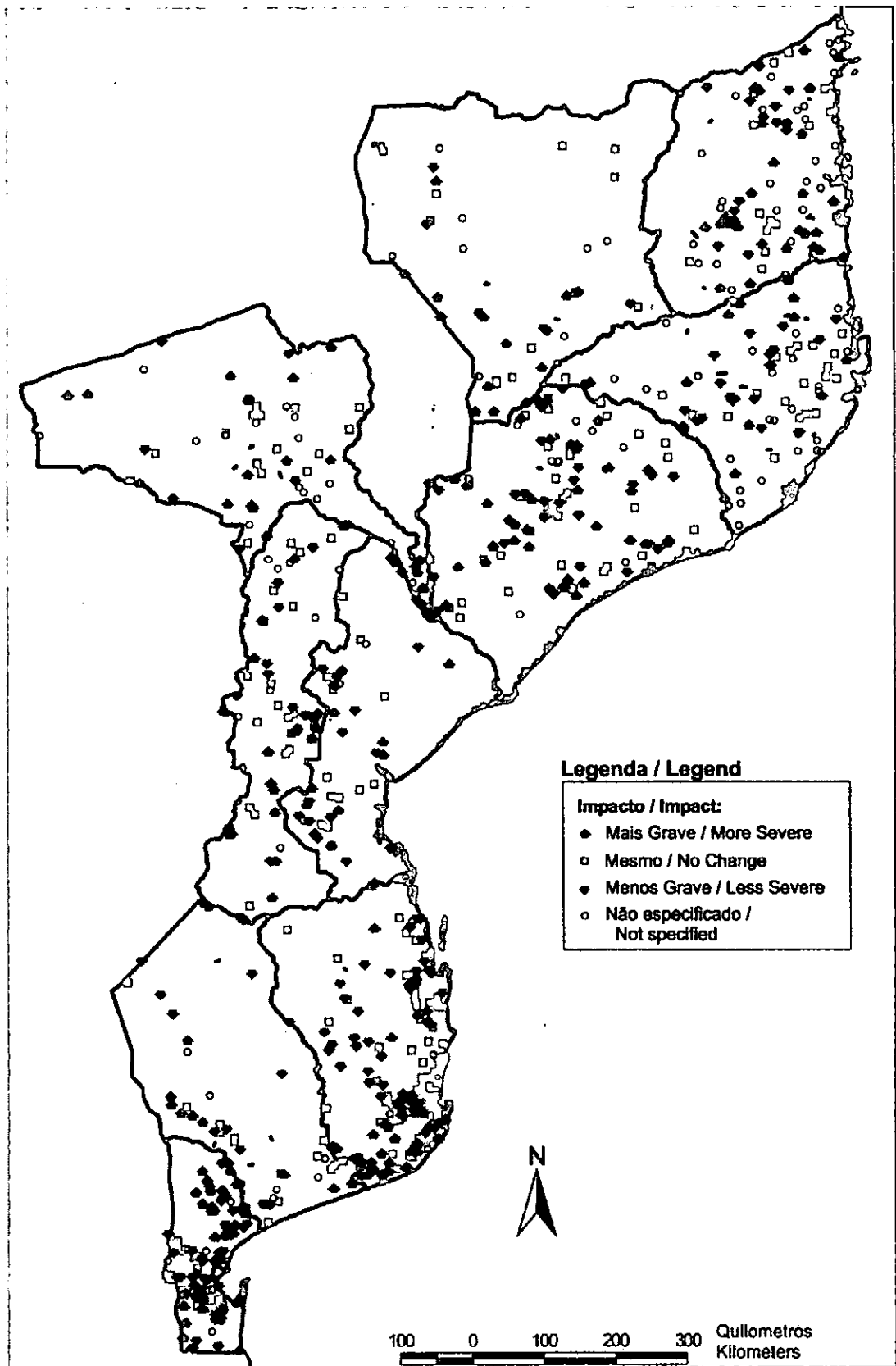
Fonte: IND/CIDC (2001)

5.3 Mapa de Localização das Actuais Operações de Desminagem



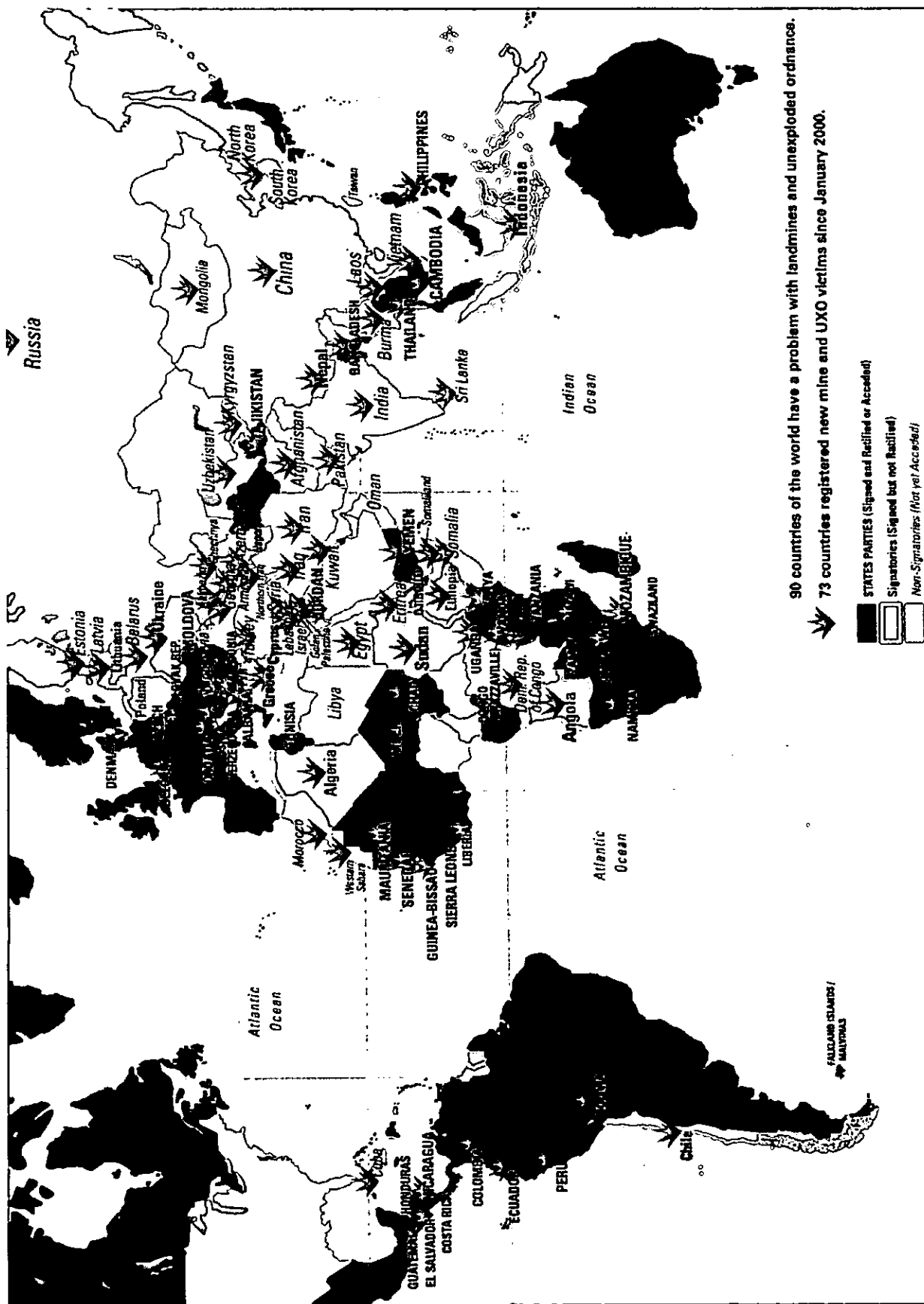
Fonte: IND (2003)

5.4 Mapa de Tendência de Impacto



Fonte: IND/CIDC (2001)

5.5 Mapa da Situação das Minas no Mundo



Fonte: Landmine Monitor (2001)